

U. PORTO



FACULDADE DE DESPORTO
UNIVERSIDADE DO PORTO

**O Desenvolvimento Positivo dos Jovens através do Desporto:
Estudo realizado com estudantes portugueses**

Jorge Luís Sousa Esperança

Orientadores:

António Manuel Fonseca, Ph.D.

Robert John Brustad, Ph.D.

Tese apresentada com vista à obtenção do grau de Doutor no âmbito do Programa Doutoral em Ciências do Desporto, organizado pelo Centro de Investigação, Formação, Intervenção e Inovação em Desporto (CIFID), da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, nos termos do Decreto-Lei nº 74/2006 de 24 de Março.

Porto, 2016

Esperança, J. L. S. (2016). O Desenvolvimento Positivo dos Jovens através do Desporto: Estudo realizado com estudantes portugueses. Porto: J. L. S. Esperança. Tese de Doutoramento em Ciências do Desporto apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

PALAVRAS-CHAVE: DESPORTO, DESENVOLVIMENTO POSITIVO, JOVENS, AVALIAÇÃO

Dedicatória

Ao meu pai, Leopoldo Barroco Esperança Pereira

Agradecimentos

Terminada mais esta etapa da minha formação, não poderia deixar de manifestar os meus sinceros agradecimentos a todos quantos, em maior ou menor medida, contribuíram para a sua concretização:

Ao Professor Doutor António Manuel Fonseca por, mais uma vez, ter acedido ao meu pedido de orientação bem como por toda a disponibilidade que senti durante todo este processo;

Ao Professor Doutor Robert John Brustad pela ajuda e disponibilidade, apesar das dificuldades potenciadas pela distância;

Aos Professores Doutores Cláudia Dias, Leonor Regueiras, André Barreiros Nuno Corte-Real e Rui Corredeira, pelos ensinamentos, ajuda, disponibilidade e companheirismo que me fizeram sentir “em casa”;

A todas as Direções das escolas envolvidas bem como a todos os colegas e alunos que voluntariamente se disponibilizaram e contribuíram para a realização deste trabalho;

Por fim, um especial agradecimento a toda a minha família e aos meus amigos próximos, por ter sentido o seu apoio em todas as fases desta etapa.

Índice geral

Índice de figuras -----	ix
Índice de quadros e tabelas -----	xi
Resumo -----	xiii
Abstract -----	xv
Índice de abreviaturas -----	xvii
Introdução geral -----	19
Estudo 1	
Um olhar sobre o Desenvolvimento Positivo dos Jovens através do Desporto -	25
Estudo 2	
Desenvolvimento e validação da versão reduzida do questionário PYDp para a avaliação do Desenvolvimento Positivo dos Jovens dos países lusófonos -----	43
Estudo 3	
Desenvolvimento Positivo dos Jovens: Estudo exploratório realizado com estudantes portugueses -----	63
Estudo 4	
Desporto e Desenvolvimento Positivo de Jovens portugueses... Que relação?	81
Conclusões -----	97
Referências bibliográficas -----	107
Anexos -----	119

Índice de figuras

Estudo 1

- Figura 1. Modelo teórico de DPJ (adaptado de Lerner et al., 2005). ----- 32

Índice de quadros e tabelas

Estudo 1

- Tabela 1. As 5 C's (adaptado de Lerner et al., 2005; Roth & Brooks-Gunn, 2003). ----- 30

Estudo 2

- Quadro 1. Itens do PYDp (i.e., versão portuguesa do Measure of PYD) utilizados nesta investigação. ----- 50
- Quadro 2. Valores mínimos, máximos, médios (M), dos desvios-padrão (DP), de assimetria e achatamento das respostas aos itens do PYDp/red. 52
- Quadro 3. Valor do alfa de Cronbach de cada dimensão do PYDp/red. - 53
- Quadro 4. Valores de correlação inter-fator do PYDp/red. ----- 53
- Quadro 5. Matrizes das correlações inter-itens e item-total. ----- 54
- Quadro 6. Resultados encontrados após as reespecificações permitindo erros de correlação. ----- 55
- Quadro 7. Estimativa do peso fatorial (erro padrão), valor t e variância que os fatores extraem dos itens do PYDp/red, quando considerado o modelo na sua versão final. ----- 56
- Quadro 8. Valores dos índices de ajustamento de cada instrumento. ----- 59

Estudo 3

- Quadro 1. Diferenças nos 5 C's em função do sexo. ----- 71
- Quadro 2. Diferenças nos 5 C's em função da idade. ----- 72
- Quadro 3. Diferenças nos 5 C's em função do sexo e da idade. ----- 73

Estudo 4

- Quadro 1. Dimensões do DPJ em função da frequência de prática desportiva nos rapazes. ----- 89
- Quadro 2. Dimensões do DPJ em função da frequência de prática desportiva nas raparigas. ----- 91
- Quadro 3. Dimensões do DPJ em função da frequência de prática

Resumo

O principal propósito da presente Tese foi o de estudar o Desenvolvimento Positivo dos Jovens (DPJ) em contextos desportivos. Para o efeito foram efetuados quatro estudos, o primeiro dos quais consistiu num estudo de revisão de literatura e os restantes em estudos de carácter empírico. O segundo estudo ($N = 527$) incidiu no desenvolvimento de uma versão reduzida da versão portuguesa do *Measure of PYD* (i.e., o PYDp) para avaliar o DPJ. A análise das propriedades psicométricas da versão reduzida, que designámos de PYDp/red, sugeriu a validade deste instrumento para avaliar o DPJ dos jovens lusos. Baseados no modelo de Lerner et al. (2005) conhecido como o modelo dos 5 C's (i.e., Carácter, Competência, Cuidado, Conexão e Confiança), nos terceiro e quarto estudos ($N = 907$) analisámos o DPJ dos jovens portugueses e explorámos as diferenças em função do sexo, da idade e da prática desportiva. Os resultados evidenciaram que os jovens apresentavam índices mais elevados nas questões que se prendiam com o autoconceito bem como uma visão positiva das suas próprias ações e menos elevados nas questões ligadas ao respeito pelas regras sociais e padrões corretos de comportamento, à compreensão pelos outros e aos vínculos positivos. Constatou-se ainda que não se encontraram diferenças significativas na variável sexo contudo, no que concerne à idade, existiam diferenças significativas com os mais jovens a apresentarem valores mais elevados do que os mais velhos em todas as dimensões. A análise dos resultados sugeriu ainda que a prática desportiva se relacionava positivamente com as cinco dimensões referidas e que essa relação parece ser mais forte nos mais jovens e nos rapazes. Em suma, os nossos resultados corroboram a pertinência dos contextos desportivos para este campo de investigação e sugerem que o modelo dos 5 C's é adequado para abordar o DPJ dos jovens lusos.

PALAVRAS-CHAVE: DESPORTO, DESENVOLVIMENTO POSITIVO, JOVENS, AVALIAÇÃO

Abstract

The main purpose of this thesis was to study the Positive Youth Development (DPJ) in sports contexts. For this purpose, four studies were carried out, the first of which consisted of a literature review study and the others in empirical studies. The second study ($N = 527$) focused on the development of a reduced version of the Portuguese version of Measure of PYD (i.e., PYDp) to evaluate DPJ. The analysis of the psychometric properties of the reduced version, which we named PYDp/red, suggested the validity of this instrument to evaluate the DPJ of the young Portuguese. Based on the model of Lerner et al. (2005), known as the 5 C's model (i.e., Character, Competence, Caring, Connection and Confidence), in the third and fourth studies ($N = 907$) we analysed the Portuguese Youth DPJ and explored the differences according to sex, age and sport practice. The results showed that young people had higher rates of self-concept as well as a positive view of their own actions and lesser ones in issues related to respect for social rules and correct patterns of behaviour, understanding by others and positive links. It was also found that there were no significant differences in the sex variable, however, regarding age, there were significant differences with the younger ones presenting higher values than the older ones in all dimensions. The analysis of the results also suggested that sports practice was positively related to the five mentioned dimensions and that this relationship seems to be stronger in the youngest and in the boys. In short, our results corroborate the pertinence of the sports contexts for this field of research and suggest that the 5 C's model is adequate to address the DPJ of the young Portuguese.

KEY WORDS: SPORTS, POSITIVE DEVELOPMENT, YOUNG PEOPLE, EVALUATION

Índice de Abreviaturas

DPJ – Desenvolvimento Positivo dos Jovens

Introdução geral

INTRODUÇÃO GERAL

Atualmente, ainda sem definição totalmente consensual, o Desenvolvimento Positivo dos Jovens (DPJ) é encarado como um conjunto de estratégias que visa desenvolver as potencialidades dos jovens ao invés de procurar debelar ou corrigir as suas supostas incapacidades, o que ocorria, recorrentemente, no passado. O número crescente de investigadores e consequentes publicações sobre DPJ, espelha bem o esforço da comunidade científica em procurar identificar quais as características que possuem os jovens bem-sucedidos e como potenciar essas características (Lerner et al., 2013).

Parte dessa investigação tem sido desenvolvida em contextos desportivos porquanto o Desporto, pela particularidade impar de cativar e atrair os jovens e pelo facto de se constituir como uma das mais populares das atividades organizadas em que os jovens se envolvem (Larson e Verma, 1999) é, invariavelmente, apontado como um contexto muito privilegiado para abordar o DPJ (Jones et al., 2011).

De entre vários modelos conceituais propostos para abordar o DPJ, o modelo dos 5 C's (i.e., Cáráter, Confiança, Competência, Cuidado e Conexão), desenvolvido por Lerner et al., (2005) é simultaneamente o mais proeminente e o que gera mais consensos na literatura da especialidade. Os autores desenvolveram ainda uma ferramenta (i.e., o questionário *Measure of PYD*) com o intuito de avaliar os parâmetros que sugerem ser fundamentais a um crescimento feliz, de sucesso e bem integrado na sociedade.

Muita investigação sobre esta temática tem sido concebida no estrangeiro (e.g., Jones et al., 2011; Lerner et al., 2005; Phelps et al., 2009), sobretudo em países de expressão inglesa, e, pese embora o modelo conceitual de DPJ não fosse o mesmo adotado nesta investigação, em Portugal também foram efetuados alguns estudos relacionadas com esta temática (e.g., Correia, 2007; Nogueira, 2011; Regueiras, 2006).

Curiosamente, apesar de salientados os bons resultados, em nenhuma destas investigações realizadas em Portugal se encontram resultados quantitativos relacionados com o modelo dos 5 C's (Lerner et al., 2005), conforme poderá ser observado no estudo 1.

Com efeito, ainda que sejam frequentemente relatados os sucessos das intervenções neste campo, especialmente em contextos desportivos, esta falta de informação mais aprofundada não tem permitido esclarecer em que medida o Desporto se relaciona com o DPJ, o que motivou partirmos para a adaptação transcultural do *Measure of PYD* para a realidade portuguesa. Para o efeito, no estudo 2 desenvolvemos uma versão reduzida do *Measure of PYD* (i.e., o PYDp/red) tendo por base algumas recomendações e vantagens que as versões reduzidas destas ferramentas apresentam e que estão patentes na literatura especializada (e.g., Hernández, 2009; Marsh, Martin, & Jackson, 2010).

Assim, com a realização deste estudo, procurou desenvolver-se uma ferramenta que, por um lado, fosse de encontro às sugestões dos seus próprios autores de criar versões mais reduzidas que facilitassem a sua utilização e, por outro lado, que reunisse os necessários resultados da análise às suas propriedades psicométricas por forma a constituir-se uma opção válida. De notar que outras tentativas semelhantes (e.g., Jones et al., 2011; Phelps et al., 2009) não obtiveram o sucesso desejado.

Decorrente dos resultados da investigação efetuada nos dois primeiros estudos, o estudo que se seguiu, também este de carácter empírico, teve por objetivo quantificar cada uma das cinco dimensões, relativas aos jovens portugueses, sugeridas pelo modelo concetual que serviu de base a esta Tese (ver estudo 3). Para o efeito, foi aplicado o PYDp/red e analisadas as diferentes dimensões do DPJ, considerando as variáveis sexo e idade. Objetivou-se que os resultados desta pesquisa pudessem, por um lado, indiciar

quais os parâmetros que os jovens portugueses possuem mais ou menos desenvolvidos e, a partir daí, ajudar a desenhar eventuais intervenções e, por outro lado, pudessem efetuar comparações com investigações futuras que utilizem igual modelo de avaliação.

Por fim, o que motivou a realização do último estudo empírico foi procurar perceber qual a relação entre o Desporto e o DPJ, segundo o já citado modelo de Lerner et al. (2005). Em conformidade, os jovens foram distribuídos por diferentes grupos em função dos seus hábitos de prática desportiva, o que permitiu explorar diferenças ao nível das diferentes dimensões tendo, também, em linha de conta as variáveis sexo e idade.

Estudo 1

Um olhar sobre o Desenvolvimento Positivo dos Jovens através do Desporto ¹

¹ Esperança, J., Regueiras, L., Brustad, R., & Fonseca, A. (2013). Um olhar sobre o Desenvolvimento Positivo dos Jovens através do Desporto. *Revista de Psicología del Deporte*, 22(2), 481-487.

INTRODUÇÃO

Os últimos anos têm vindo a consagrar ao Desenvolvimento Positivo dos Jovens (DPJ) crescente importância no domínio da investigação e da intervenção com crianças e jovens. Consistindo essencialmente num conjunto de estratégias que visa alinhar as potencialidades dos jovens com os recursos necessários à sua transição para uma vida adulta bem-sucedida (Damon, 2004; Lerner et al., 2005; Martinek & Ruiz, 2005; Restuccia & Bundy, 2003), o DPJ privilegia a identificação e orientação dessas potencialidades para uma vida de sucessos e de contribuições para os próprios e para as suas comunidades, através de intervenções devidamente estruturadas para o efeito.

Neste contexto, não só a literatura tem vindo a enfatizar o enorme potencial do Desporto enquanto conjuntura singular para se obter sucesso através de intervenções que visem o DPJ, como as evidências disponíveis têm fornecido suporte nesse sentido. Na verdade, vários programas adotando uma estrutura consonante com os princípios do DPJ (i.e., objetivos, ambiente e atividades positivos) em contextos desportivos têm sido aplicados, sendo os resultados animadores (e.g., Hellison, 2003; Hellison & Martinek, 2006; Lee & Martinek, 2009).

Ainda assim, importará recordar que, independentemente da sua aparente simplicidade e dos resultados promissores, a aplicação de qualquer programa de intervenção implica a existência de recursos adequados (Roth & Brooks-Gunn, 2003), devendo a sua prescrição decorrer de correspondente verificação do sucesso de anteriores aplicações em que tenham sido analisados e avaliados os seus efeitos. Nessa medida, é de destacar o alerta de Lerner, Von Eye, Lerner, Lewin-Bizan e Bowers (2010) sobre a necessidade de se aprofundar o conhecimento atualmente existente neste domínio, no sentido de perceber o significado e a mensuração do sucesso na adolescência.

Em conformidade, este estudo centra-se no que tem vindo a ser publicado sobre esta temática, designadamente em relação a contextos de natureza desportiva, procurando contribuir não só para o aprofundamento do conhecimento neste domínio, mas também para a promoção da sua aplicação e disseminação, designadamente nos países de língua portuguesa, onde é ainda particularmente escassa a sua aplicação.

Da análise da literatura disponível, desde as primeiras referências ao conceito até à fase atual da investigação realizada sobre instrumentos que permitam avaliar de forma inequívoca os efeitos das intervenções neste campo, emergiram as quatro secções principais em que se estrutura este estudo: i) Como se iniciou o movimento DPJ; ii) O movimento DPJ no Desporto; iii) Principais programas de DPJ no Desporto; iv) Como avaliar o impacto dos programas de DPJ no Desporto.

Como se iniciou o movimento DPJ

O discurso de Martin Seligman proferido em 1998, na sua tomada de posse como presidente da *American Psychological Association*, posteriormente publicado no número de Julho de 1999 do *American Psychologist*, ficará para sempre associado ao advento da Psicologia Positiva, a qual exhibe afinidades com o DPJ, porquanto em ambos os casos a ênfase é essencialmente colocada nos pontos fortes em detrimento dos pontos menos fortes dos indivíduos.

Na verdade, o DPJ tem-se revelado desde o início como um promissor campo de investigação e de intervenção no sentido da promoção do desenvolvimento dos jovens, constituindo-se como uma alternativa às intervenções sustentadas na teoria do *deficit* que visavam corrigir supostas incapacidades (Brustad & Parker, 2005; Damon, 2004; Lerner et al., 2005).

Ainda assim, as origens da perspectiva protagonizada pelo DPJ não se fundam na Psicologia Positiva, sendo-lhe bem anteriores e alicerçando-se em contribuições provenientes da psicologia, mas também da biologia, orientadas para o estudo da plasticidade dos processos de desenvolvimento que decorrem da fusão dos níveis biológicos e contextuais das organizações (para mais detalhes, ver Lerner et al., 2005).

Concomitantemente, na base do DPJ está a assunção, igualmente defendida por Lerner e colaboradores (2005), de que, devido à interação existente entre o indivíduo e o meio (i.e., plasticidade) e à enorme capacidade de adaptação dos jovens, sobretudo na segunda década das suas vidas, as suas trajetórias não estão definidas aprioristicamente. Ou seja, todos os jovens, incluindo os que se considera estarem “em risco”, possuem talentos, capacidades e interesses que lhes conferem o potencial necessário para um futuro positivo (Damon, 2004). Esta nova perspectiva, amplamente explanada na literatura (e.g., Benson, 2006; Damon, 2004; Lerner et al., 2005; Lerner, Phelps, Forman, & Bowers, 2009), vem dominando as abordagens ao desenvolvimento dos jovens, encarando-os como recursos a desenvolver e não como problemas a gerir (Damon, 2004; Lerner et al., 2005; Roth & Brooks-Gunn, 2003).

Da análise das revisões efetuadas à literatura referente ao Desenvolvimento Positivo dos Jovens (e.g., Eccles & Gootman, 2002; Lerner, 2004; Roth & Brooks-Gunn, 2003), resulta que a base teórica mais consensual e que vem sustentando esta abordagem assenta, atualmente, em dois pressupostos fundamentais:

i) A estrutura do DPJ congrega cinco características fundamentais, conhecidas na literatura pelos 5 C’s: “Competência”, “Confiança”, “Conexão”, “Carácter” e “Cuidado e atenção” (Eccles & Gootman, 2002; Lerner et al., 2005; Roth & Brooks-Gunn, 2003) (ver Tabela 1);

ii) O DPJ ocorre sobretudo nos contextos chave dos jovens (i.e., casa, escola e comunidade), desde que as suas potencialidades estejam alinhadas com os recursos necessários ao seu sucesso (Lerner, 2004; Lerner et al., 2005).

Tabela 1. As 5 C's (adaptado de Lerner et al., 2005; Roth & Brooks-Gunn, 2003).

Características (C's)	Definição
Competência	Visão positiva das próprias ações em áreas específicas tais como: social, académica, cognitiva e vocacional. Competência social contém competências interpessoais (e.g., resolução de conflitos). Competência cognitiva abrange as habilidades cognitivas como seja tomada de decisões. Na competência académica podem considerar-se classificações escolares, assiduidade às aulas e notas de testes. Competência vocacional envolve hábitos de trabalho e exploração de escolhas referentes à carreira futura.
Confiança	Sentido interior positivo global em relação à autoestima e à autoeficácia. Trata-se de uma visão global de si próprio, em contraste com crenças em domínios específicos.
Conexão	Laços positivos com pessoas ou instituições que se refletem em intercâmbios nos dois sentidos – entre o indivíduo e os seus pares, a família, a escola e a comunidade onde ambas as partes contribuem para a relação.
Carácter	Respeito pelas regras e cultura sociais. Possuir padrões de comportamento corretos, sentido do bem e do mal (moralidade) e integridade.
Cuidado e atenção	Sentido de compreensão e de empatia em relação aos outros.

Adicionalmente, está implícito no primeiro pressuposto que, ao desenvolverem essas cinco características, os jovens estão no caminho do desenvolvimento de uma sexta característica fundamental (i.e., Contribuições, para o próprio, para a família e para a comunidade) através da qual se pode mensurar o DPJ (Lerner et al., 2005). Este pressuposto sugere também que as intervenções promotoras do desenvolvimento de comportamentos desejados, que constituem o DPJ, concorrem para a diminuição de comportamentos de risco (e.g., delinquência, consumo de drogas, violência, abandono escolar).

Decorre do segundo pressuposto que, em todas as estruturas onde ocorre o desenvolvimento humano (famílias, escolas e comunidades), existem características e recursos que suportam o crescimento saudável dos jovens (Benson, Scales, Hamilton, & Sesma, 2006), podendo esses recursos assumir várias formas (e.g., pessoas, programas, características do meio), pelo que é necessário um vasto e profundo conhecimento dos mesmos para prescrever qualquer intervenção. Também está implícito no segundo pressuposto que as potencialidades dos jovens estão relacionadas com as suas expectativas de futuro e com a capacidade de auto-regulação no que diz respeito à seleção, otimização e compensação (Lerner et al., 2005).

Os resultados das investigações neste campo, embora continuem a sublinhar a necessidade de serem desenvolvidos mais estudos que permitam aumentar a compreensão acerca do modo como se desenvolve mas também sobre como melhor avaliar o DPJ, têm contribuído sobremaneira para a clarificação das vantagens desta abordagem com os jovens (Lerner et al., 2010).

Neste contexto, convirá destacar o estudo pioneiro desenvolvido por Lerner e colaboradores (2005), na senda dos tradicionais programas americanos *4-H* (i.e., de atividades extracurriculares para os jovens desenvolverem em pleno o seu potencial), no

qual os autores propuseram a composição do DPJ por cinco características, já aqui referidas, a par de um modelo de conceitualização teórica do DPJ, como se apresenta na Figura 1.

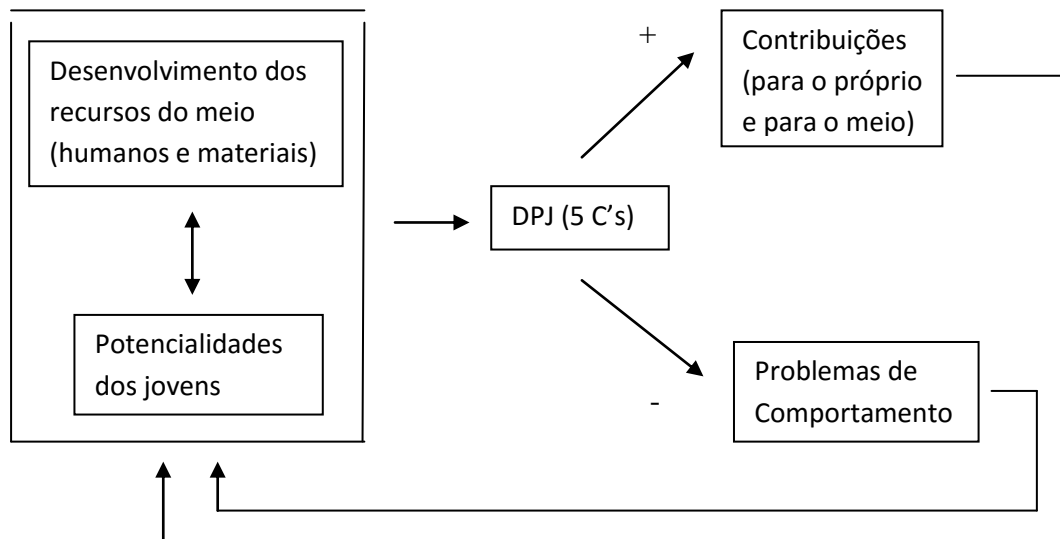


Figura 1. Modelo teórico de DPJ (adaptado de Lerner et al., 2005)

Decorre, portanto, do anteriormente exposto que, contrariando a clássica abordagem baseada no paradigma de que as intervenções dirigidas aos jovens se devem centrar nas suas incapacidades implícitas ou explícitas e tentar corrigi-las, a nova perspectiva de que se reveste o DPJ aponta para o desenvolvimento do potencial dos jovens através de intervenções específicas que não visem apenas a prevenção e eliminação de comportamentos de risco mas que essencialmente promovam o desenvolvimento de comportamentos saudáveis ou de sucesso que a literatura define como “5 C’s”.

O movimento DPJ no Desporto

O progressivo aumento, ao longo dos últimos anos, dos índices de inatividade física e de sedentarismo, bem como os inúmeros e graves problemas de saúde que lhe

estão associados, especialmente preocupante no que aos jovens diz respeito, tem vindo a acentuar naturalmente a importância atribuída à prática de atividade física e desportiva por parte das populações em geral e dos jovens em particular. Com efeito, já em 1999, Larson e Verma estimaram que os jovens utilizavam metade do tempo que passavam acordados em atividades de lazer, sendo que grande parte desse tempo acontecia em frente à televisão, ao invés de ser utilizado em atividades de qualidade capazes de promover o seu desenvolvimento harmonioso e simultaneamente prevenir o aparecimento de problemas de comportamento, como sugerido, por exemplo, por Eccles e Gootman (2002). E, infelizmente, desde então, o panorama não só não se tem vindo a alterar como se tem mesmo agravado.

Nesse sentido, a opção pelo desenvolvimento de programas de intervenção que visem o DPJ através da realização de atividades desportivas permite a consecução do duplo objetivo de procurar educar os jovens para a cidadania e promover a aquisição de hábitos de vida saudáveis que, de acordo com as evidências disponíveis, tendem a manter-se na idade adulta. Mais, se consideramos que, para além do seu inquestionável valor enquanto promotor de saúde física, mental e social e da capacidade funcional e bem-estar de indivíduos e comunidades, o Desporto pode igualmente potenciar o DPJ, certamente concordaremos em que será uma enorme falta de oportunidade desperdiçar a possibilidade de realizar intervenções neste domínio.

Sendo cada vez mais evidente que os adultos da sociedade contemporânea estão frequentemente preocupados com os jovens (Restuccia & Bundy, 2003), esta nova perspectiva adotada para o DPJ apresenta-se como uma promissora forma de atuar sobre o desenvolvimento da juventude, tendo vindo a ser perfilhada em diversos contextos. De facto, apesar de as bases deste novo tipo de abordagem permitirem a sua implementação em praticamente qualquer tipo de modelo de programa, são os

programas de orientação, das artes, de serviço comunitário e de apoio académico estão entre aqueles que trabalham mais frequentemente sob uma estrutura do DPJ (DiSibio, 2001).

Todavia, o Desporto apresenta um conjunto de virtualidades que atraem e mantêm a fidelidade dos alunos de uma forma mais constante do que o verificado noutras atividades, podendo igualmente veicular a transmissão de valores de uma forma significativa e contribuir para a construção da personalidade dos jovens (Martinek & Ruiz, 2005).

Também Brustad e Parker (2005) salientaram que os contextos desportivos há muito que vêm sendo alvo de muitos esforços em torno de intervenções que visam o DPJ porquanto o domínio físico é considerado um ambiente ótimo no qual se desenvolvem muitas qualidades e atributos positivos nos jovens, nomeadamente o desenvolvimento pessoal e social dos indivíduos.

Mas aqueles autores não estão isolados, pois muitos outros têm igualmente sublinhado que o Desporto, pelas suas características específicas, se constitui como contexto privilegiado para alcançar o DPJ (e.g., Lerner et al., 2005; Martinek & Ruiz, 2005; Wright & Li, 2009). Wright e Li (2009) propõem mesmo que a Educação Física integre os programas de DPJ na Escola, bem como defendem que os professores de Educação Física integrem os princípios e práticas desses programas nas suas práticas quotidianas.

Ainda assim, convirá alertar que, apesar do envolvimento dos jovens no Desporto propiciar um contexto de desenvolvimento que vem sendo associado ao DPJ, pode simultaneamente favorecer comportamentos de risco, pois não é o Desporto por si só que influencia o desenvolvimento dos jovens, mas sim o modo como é estruturado e lhes é apresentado (Holt, 2008).

Na verdade, embora a investigação sobre esta temática, maioritariamente de carácter qualitativo, sugira a existência de uma relação positiva entre o DPJ e a participação dos jovens em programas em contextos desportivos e das inúmeras reivindicações de que a atividade física promove o DPJ, é ainda necessária mais investigação empírica nesta área (Wright & Li, 2009), para esclarecer alguns aspetos menos claros até ao momento. Por exemplo, Lerner et al. (2005) e Benson, Scales, Hamilton e Sesma (2006) afirmaram que a relação inversa entre o DPJ e os comportamentos de risco não é linear, sobretudo devido à resiliência que alguns jovens demonstram apesar de inseridos em ambientes com baixos recursos e apoios.

Importará igualmente destacar que embora o termo DPJ seja de recente utilização há muito que existe interesse nos resultados associados à participação dos jovens em atividades organizadas (Holt & Neely, 2011). De resto, o DPJ representa um conceito aglutinador de vários construtos que vêm sendo estudados no âmbito da Psicologia Positiva (e.g., Bem-estar, Autodeterminação), nomeadamente das relações que se estabelecem com práticas desportivas.

Principais programas de DPJ desenvolvidos no Desporto

Na linha do referido anteriormente, de uma forma geral, na literatura são considerados como programas de DPJ aqueles que têm por base a assunção de que o desenvolvimento de valores como a resiliência e a competência é fundamental na ajuda aos jovens para que estes experimentem uma adolescência positiva. O principal objetivo é o de influenciar o desenvolvimento dos adolescentes em direção a resultados positivos aumentando a sua exposição a oportunidades de desenvolvimento e apoio (Roth, Brooks-Gunn, Murray, & Foster, 1998).

Os exemplos de sucesso de programas de DPJ normalmente mais citados são os americanos *Boys and Girls Clubs*, *scouts*, e *4-H* (clubes nos quais se visa o DPJ através de atividades extracurriculares com supervisionamento e contextos adequados visando disponibilizar os recursos necessários ao desenvolvimento pleno dos jovens), promovidos por organizações com elevadas condições de financiamento e vastas estruturas de apoio. Aliás, tem-se assistido ao longo dos últimos anos, um pouco por todo o mundo, à disponibilização por parte de diversas instituições de apoios financeiros para a promoção de programas de DPJ, muitos dos quais em contextos desportivos: por exemplo, Jacobs Foundation (Caminhos – Brasil, Football for Hope – África), World Golf Foundation (First Tee – vários países), Fundación Asciede (METHAS – Chile), National Football Foundation and College Hall of Fame (Play it Smart – EUA).

De realçar, porém, que os programas de DPJ não implicam necessariamente uma elevada dimensão, podendo ser implementados em empresas, escolas ou comunidades, e permitir apoiar apenas um punhado de jovens (*National Research Council and Institute of Medicine*, 2002). De resto, no que se refere em específico ao contexto desportivo, é possível constatar a implementação de diversos programas por alguns dos maiores especialistas neste domínio (e.g., *Project Connect* por Robert Brustad; *Project Effort* por Tom Martinek; *Coaching Club* por Don Hellison; *Community-based Project* por Paul Wright; *Project Lead* por Nick Cutforth; *Moral Development* por Brenda Bredemeier; *Climbing Club* por Jim Stiehl e Melissa Parker), sem grandes exigências do ponto de vista material e financeiro (mais informação sobre os programas referidos poderá ser obtida através de contacto direto com os autores).

No espaço dos países lusófonos, independentemente de existirem vários programas de apoio e intervenção com jovens que integram atividades desportivas (e.g., os programas do Instituto Ayrton Senna), o desenvolvimento e aplicação de programas

de DPJ em contexto desportivo, é ainda relativamente reduzido, podendo ainda assim referir-se, a este propósito, a investigação e intervenção que tem vindo a ser desenvolvida em Portugal, no âmbito das atividades desenvolvidas na Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Mais especificamente, será de destacar uma intervenção desenhada com base nos pressupostos e metodologias propostas no âmbito do modelo *Taking Personal and Social Responsibility* (TPSR), ocorrida em contexto desportivo em 2005 (Regueiras, 2006). Os respetivos resultados revelaram não só a sua eficácia mas também uma elevada recetividade por parte dos jovens estudantes com comportamentos disruptivos frequentes e em claro risco de insucesso e abandono escolares que participaram no processo, fornecendo evidências claras sobre a sua utilidade neste domínio. Nesse sentido, foi posteriormente desenvolvida uma outra intervenção (Correia, 2007), também com jovens com características semelhantes, mas num outro contexto socioeconómico, tendo a análise dos dados quantitativos e qualitativos recolhidos relativamente aos estudantes que participaram no projeto, mas também dos seus professores, revelado, uma vez mais, a sua eficácia e utilidade. Do mesmo modo, mais recentemente, uma intervenção com pressupostos, objetivos e metodologias similares às intervenções anteriores, mas desta feita realizada com jovens institucionalizados em lares especializados de infância e juventude (Nogueira, 2011), demonstrou novamente a sua eficácia e utilidade, congregando igualmente a aceitação e recetividade de todos os envolvidos (i.e., jovens, professores, instituição).

Todavia, não obstante as muitas intervenções no âmbito do DPJ e os vários relatos de sucesso da aplicação de intervenções em contextos desportivos, mantém-se pouco claro em que medida um programa, apesar da relevância dos seus objetivos, efetivamente promove o DPJ (Roth & Brooks-Gunn, 2003). Na verdade, não só

permanecem pouco claros alguns aspetos relacionados com o processo de definição deste tipo de programas, como escasseiam metodologias e instrumentos fiáveis e válidos que permitam, de forma consensual e inequívoca, avaliar os seus efeitos positivos. Por esse motivo, Holt e Neely (2011) alertaram para o perigo de os investigadores desta área, enquanto essa lacuna persistir, serem vistos como defensores de que o Desporto por si só conduz inevitavelmente a várias formas de desenvolvimento.

Como avaliar o impacto dos programas de DPJ no Desporto?

De acordo com Roth e Brooks-Gunn (2003), as três grandes revisões de literatura que foram feitas sobre os programas de DPJ (i.e., Catalano, Berglund, Ryan, Lonczac, & Hawkins, 1999; *National Research Council and Institute of Medicine*, 2002; Roth, Brooks-Gunn, Murray, & Foster, 1998) pouco acrescentam relativamente ao que sabemos sobre o “porquê” de os programas de DPJ serem bem-sucedidos a influenciar positivamente a vida dos participantes.

De um modo geral, o sucesso do desenvolvimento dos jovens é aferido em função da avaliação das suas capacidades e competências físicas, intelectuais, psicológicas, emocionais e sociais, sendo que Lerner, Fisher e Weinberg (2000) categorizaram os resultados desejados em cinco categorias (5 C’s), às quais Pittman, Irby e Ferber (2001) juntaram mais uma (Contribuições). Adicionalmente, o sucesso do desenvolvimento dos jovens também tem sido avaliado pela ausência de comportamentos negativos, levando à realização de muitos esforços para criar e testar medidas para avaliar o seu desenvolvimento saudável (*National Research Council, and Institute of Medicine*, 2002).

Um grande contributo para a avaliação dos programas de DPJ foi o estudo realizado por Lerner e colaboradores (2005), que permitiu pela primeira vez quantificar o Desenvolvimento Positivo dos Jovens, através de um questionário que designaram de *Measure of PYD* e que desenvolveram para o efeito, constituído por 78 itens agrupados em cinco fatores de segunda ordem (correspondentes às já referidas 5 C's), agrupados num fator único de primeira ordem, correspondente ao DPJ.

Da análise dos dados daquele estudo, bem como dos mais tarde encontrados por Phelps e colaboradores (2009) relativamente às propriedades psicométricas do instrumento de avaliação desenvolvido, decorre a perceção da existência de alguma robustez, suportando a teoria de que o valor de DPJ pode ser aferido pelo somatório do valor parcial de cada dimensão.

Ainda assim, mais recentemente foram levantadas a este respeito algumas reservas, designadamente por Jones e colaboradores (2011), os quais apontaram limitações aos anteriores estudos (e.g., repetição dos sujeitos da amostra). Adicionalmente, estes autores alertaram para o facto de a Análise Fatorial Confirmatória que realizaram à estrutura fatorial proposta para aquele instrumento não ter produzido os necessários níveis de ajustamento à matriz de dados empíricos analisada, pese embora o facto de o questionário utilizado neste estudo ter sido uma adaptação do de Phelps e colaboradores (2009), com apenas 30 itens dos 78 da versão originalmente proposta.

Assim sendo, importará começar por reconhecer que, apesar de a quantidade de avaliações realizadas a programas de DPJ ter vindo a aumentar, o seu número é ainda insuficiente. Para além disso, parece igualmente que a metodologia e os instrumentos adotados com esse objetivo não serão os mais adequados, verificando-se uma falta de medidas válidas e fiáveis dos comportamentos positivos dos jovens que dificulta essa

tarefa (Jones et al. 2011; Phelps et al. 2009; Roth & Brooks-Gunn, 2003). Como consequência, existem limitações para a possibilidade de aumentar a nossa compreensão sobre o modo como o seu desenvolvimento se processa e a tentativa de melhoria da qualidade e eficácia das intervenções com esse objetivo.

CONCLUSÕES

O DPJ é um campo em franco desenvolvimento e muito promissor enquanto promotor de jovens felizes que se tornarão adultos felizes e produtivos, assumindo os contextos desportivos especial pertinência e potencial na abordagem a estas questões.

Da literatura produzida no âmbito desta temática emerge um crescente consenso em torno da definição dos principais conceitos, bem como do reconhecimento generalizado dos benefícios do Desporto no processo de DPJ, sendo invariavelmente recomendada investigação adicional. De facto, apesar do crescente número de intervenções neste campo, a compreensão exata de como se desenvolve o DPJ é ainda limitada, muito por questões da definição e da metodologia adotadas.

Nesse sentido, entre os principais desafios que se colocam para o futuro da investigação e da intervenção no campo do DPJ estará certamente a necessidade de desenvolver e determinar a qualidade de instrumentos específicos de avaliação dos melhores indicadores do DPJ (cuja definição e operacionalização requerem igualmente um maior consenso entre os especialistas) e de perceber melhor os mecanismos através dos quais o DPJ se processa, porquanto isso será essencial para melhorar a sua eficácia e replicação noutros contextos e com outras populações.

Estudo 2

Desenvolvimento e validação da versão reduzida do questionário PYDp para a avaliação do Desenvolvimento Positivo dos Jovens dos países lusófonos ²

² Artigo aceite para publicação na Revista Portuguesa de Ciências do Desporto

INTRODUÇÃO

Apesar de a literatura ter vindo a enfatizar a importância do Desporto enquanto contexto privilegiado para intervir ao nível do DPJ e não obstante existirem várias evidências a apoiar essa possibilidade (e.g., Hellison, 2003; Holt & Neely, 2011; Martinek, & Ruiz, 2005), o modo como o Desporto se relaciona com o DPJ permanece pouco claro (Lerner et al., 2010). Neste contexto, Holt (2008) alertou para os perigos de se aceitar que o Desporto por si só conduz ao DPJ e, a par de outros investigadores (e.g., Jones et al., 2011; Phelps et al., 2009), apontou a necessidade de se examinar a validade empírica do DPJ em contextos desportivos.

Um dos modelos conceituais do DPJ mais utilizado atualmente foi proposto por Lerner et al. (2005) e pressupõe que este construto possa ser analisado através de cinco fatores que são conhecidos na literatura como os 5 C's (i.e., Competência – visão positiva das próprias ações em áreas específicas, Confiança – visão global positiva de si próprio em contraste com crenças em domínios específicos, Conexão – ligações positivas com pessoas e instituições, Caráter – respeito pelas regras e cultura sociais, Cuidado e atenção – sentido de compreensão e de empatia em relação aos outros). Este modelo é o que mais reúne consensos na literatura deste âmbito e foi desenvolvido num estudo efetuado nos EUA envolvendo jovens com idades compreendidas entre os 12 e os 18 anos, participantes de vários programas de DPJ. Nessa pesquisa, de caráter longitudinal, os autores do modelo criaram também um questionário para avaliar o DPJ, denominado *Measure of PYD*.

O *Measure of PYD* é composto por 78 itens que derivam de anteriores propostas de Benson et al. (1998), Harter (1983) e Small e Rogers (1995), e avalia o DPJ através do valor final para o qual cada um dos C's (fatores de primeira ordem) concorre em igual medida. No referido instrumento, os 5 C's são avaliados através de 16 subescalas:

Competência – Académica, Social, Escolar, Física, Desportiva e Atração Romântica; Confiança – Identidade positiva, Autoestima; Conexão – Família, Comunidade, Escola, Pares; Caráter – Consciência Social, Diversidade de Valores, Competências e Valores Interpessoais, Valores Pessoais; Cuidado e Atenção – Sem subescala (9 itens).

Lerner et al. (2005) demonstraram a validade do instrumento deixando, no entanto, a recomendação de que posteriores estudos aprimorassem ou criassem novos instrumentos assentes nos mesmos pressupostos. Adicionalmente, importa salientar que o estudo no qual foi desenvolvido o *Measure of PYD* não visou especificamente o contexto desportivo nos programas de intervenção de DPJ selecionados (e.g., *4-H; Boy Scouts and Girl Scouts*), ainda que estivessem presentes atividades de caráter desportivo. Posteriormente, também Phelps et al. (2009) levaram a cabo um estudo que visou avaliar a estrutura e o desenvolvimento do DPJ e que, apesar de algumas limitações metodológicas (e.g., repetição de sujeitos da amostra do estudo original), evidenciou a robustez do construto avaliado através de cinco fatores, conforme sugestão de Lerner et al. (2005).

No presente estudo, na tentativa de contribuir para a clarificação da validade do *Measure of PYD* como meio de avaliar o DPJ, procedemos inicialmente à adaptação transcultural do instrumento para a realidade portuguesa, após o que examinámos as suas propriedades psicométricas. Desse estudo resultou o questionário PYDp, o qual é composto por 76 itens distribuídos por 16 dimensões que, à semelhança do *Measure of PYD*, são agrupadas em cinco fatores que concorrem em igual medida para o valor final de DPJ. Contudo, depois de submetido a uma Análise Fatorial Confirmatória (AFC), o PYDp não apresentou valores que permitissem concluir no sentido de uma inequívoca qualidade de ajustamento em relação à matriz examinada, pelo que verificamos que havia a necessidade de prosseguir esforços visando esse objetivo, eventualmente

considerando o trabalho entretanto desenvolvido neste domínio por outros investigadores, nomeadamente o estudo realizado por Jones et al. (2011). Um aspeto importante a realçar no estudo de Jones et al. (2011) é o da tentativa dos autores utilizarem um instrumento com menor número de itens (i.e., 30 itens) criando assim uma versão mais reduzida para avaliar o DPJ, a qual designaram de PYD-Sport. A este propósito, importa sublinhar que questionários extensos implicam muitas vezes uma aplicação demorada, um incremento da estereotipia das respostas, dificuldades na caracterização dos sujeitos e, por vezes, o abandono do preenchimento do questionário por parte dos sujeitos com mais dificuldades (Jones et al., 2011; Lerner et al., 2013). Os próprios criadores do *Measure of PYD* (i.e., Lerner et al., 2005) referiram-se a algumas dificuldades no preenchimento do questionário, especialmente por parte dos indivíduos mais novos. As dificuldades prenderam-se sobretudo com o elevado número de itens e também com algumas questões de interpretação às quais os autores sentiram necessidade de fazer face disponibilizando um período de duas horas e prestando acompanhamento para o preenchimento adequado do instrumento de avaliação.

Assim, face às várias dificuldades que apresentam as versões mais longas, uma versão reduzida, capaz de preservar as propriedades métricas do questionário original e de manter a representação do construto, permitiria assegurar uma economia de tempo, quer para os participantes quer para o investigador, porquanto assegura maior facilidade na aplicação do instrumento bem como uma maior rapidez na consequente avaliação. Na verdade, pelas vantagens que apresenta, o desenvolvimento de versões mais curtas de instrumentos de avaliação psicológica vem sendo incrementado (e.g., Hernández, 2009; Jones et al., 2011; Marsh, Martin & Jackson, 2010).

Considerando o anteriormente exposto, designadamente no que se refere ao facto de a versão portuguesa com 76 itens não ter demonstrado possuir as exigidas

propriedades psicométricas bem como as vantagens decorrentes da existência de uma versão mais reduzida para avaliar o DPJ, procurou-se, com o presente estudo, validar uma versão mais reduzida para avaliar o DPJ em jovens no espaço lusófono, procurando assim complementar a informação disponível até ao momento na literatura específica deste domínio, proveniente quase exclusivamente de estudos realizados em países de língua inglesa. A versão reduzida que desenvolvemos (i.e., o PYDp/red) assenta em dois pressupostos fundamentais: ser composta por 30 itens e manter a estrutura dos cinco fatores propostos por Lerner et al. (2005). Deste modo, para além de facilitar a sua aplicação aos jovens e consequente avaliação, respeita a sugestão de constituir cada fator com seis itens para que, segundo autores de referência nesta matéria (e.g., Gorsuch, 2003; Velicer, & Fava, 1998), possam obter-se os melhores resultados nas análises fatoriais.

Em síntese, a inexistência de instrumentos validados para avaliar o DPJ seguindo o modelo dos 5 C's de Lerner et al. (2005), a recomendação de Lerner et al. (2005) e de Phelps et al. (2009) de aprimorar o então proposto *Measure of PYD* e a necessidade de realizar estudos relativos à estrutura dos 5 C's em amostras independentes e diversas apontada por Jones et al. (2011), justificam a pertinência da realização deste estudo.

METODOLOGIA

Amostra

A amostra total ($N = 527$) foi constituída por jovens estudantes de escolas de ensino público de várias regiões geográficas de Portugal (e.g., Aveiro, Porto, Viana do Castelo) de ambos os sexos (masculino: $n = 287$) e com idades compreendidas entre os 12 e os 18 anos ($M = 13.23$ e $DP = 1.52$).

De referir que a dimensão da amostra procurou cumprir as indicações de vários autores, desde os que recomendaram amostras superiores a 100 indivíduos (e.g., Crocker & Algina, 1986), até aos que aconselharam amostras com 200 indivíduos (e.g., Gorsuch, 1983), ou, ainda, dos que classificaram de muito boas as amostras com 500 indivíduos (e.g., Comrey & Lee, 1992), quando se prevê a realização de análises fatoriais, conforme é o caso do presente estudo.

Instrumento

Para efetuar a construção de uma versão reduzida foram selecionados 30 dos 76 itens que compõem a versão original do PYDp. O processo de seleção desses 30 itens teve em linha de conta o respeito pela representatividade das várias dimensões do DPJ bem como os resultados de uma AFC realizada anteriormente ao PYDp.

No quadro 1 estão representados os 30 itens selecionados para efetuar este estudo.

Quadro 1 – Itens do PYDp (i.e., versão portuguesa do *Measure of PYD*) utilizados nesta investigação

Nº	Item
1 (Ch1)	Dar o meu tempo e o meu dinheiro para melhorar a vida das outras pessoas
2 (Ch2)	Ajudar a garantir que todas as pessoas sejam tratadas com justiça
3 (Ch3)	Fazer o que acredito que é correto, mesmo que os meus amigos gozem comigo
4 (Ch4)	Dizer a verdade mesmo quando não é fácil
5 (Ch5)	Assumir a responsabilidade quando cometo um erro ou me meto em sarilhos
6 (Ch6)	Dar o meu melhor mesmo quando tenho uma tarefa de que não gosto
7 (Cr1)	Incomoda-me quando acontecem coisas más a pessoas boas
8 (Cr2)	Incomoda-me quando acontecem coisas más a qualquer pessoa
9 (Cr3)	Tenho pena das pessoas que não têm o que eu tenho
10 (Cr4)	Quando vejo alguém a ser provocado tenho pena dessa pessoa
11 (CR5)	Fico triste quando vejo alguém que não tem amigos
12 (CR6)	Quando vejo uma pessoa que está magoada ou aborrecida, tenho pena dela
13 (Cn1)	Tenho muitas conversas agradáveis com os meus pais
14 (Cn2)	Na minha família sinto-me útil e importante
15 (Cn3)	Na minha vizinhança há muitas pessoas que se preocupam comigo
16 (Cn4)	Os adultos do sítio onde vivo ouvem o que eu tenho para dizer
17 (Cn5)	Os meus professores preocupam-se mesmo comigo
18 (Cf1)	Em termos gerais eu gosto de mim mesmo
19 (Cf2)	Tenho a certeza de que quando for adulto terei uma boa vida
20 (Cf3)	No geral, estou contente comigo mesmo
21 (Cn6)	Os meus amigos importam-se comigo
22 (Cm1)	Alguns jovens estão contentes com o seu aspeto físico
23 (Cm2)	Alguns jovens sentem que serão correspondidos sentimentalmente
24 (Cf4)	Alguns jovens estão contentes com eles próprios a maior parte do tempo
25 (Cm3)	Alguns jovens acham que podem fazer bem qualquer nova atividade desportiva
26 (Cm4)	A alguns jovens o seu corpo agrada-lhes tal como é
27 (Cm5)	Alguns jovens acham que as pessoas da sua idade podem sentir-se atraídas por eles
28 (Cf5)	A alguns jovens agrada o tipo de pessoa que são
29 (Cm6)	Alguns jovens normalmente só fazem coisas que sabem que devem fazer
30 (Cf6)	Alguns jovens estão contentes em ser como são

Os itens são avaliados numa escala de Likert através da qual os respondentes especificam o nível de concordância com o modo que cada afirmação se aplica a eles próprios, tendo como opção de resposta quatro possibilidades, entre 1 - nada importante e 4 - muito importante (itens 1, 2, 3, 4, 5, 6); entre 1 – não sou nada assim e 4 – sou mesmo assim (itens 7, 8, 9, 10, 11, 12); entre 1 – discordo totalmente e 4 – concordo totalmente (itens 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20); entre 1 – completamente falso e 4 – completamente verdadeiro (item 21) e 1 – eu sou completamente diferente e 4 – eu sou exatamente assim (itens 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30). O valor final apurado em cada um dos cinco fatores (i.e., os 5 C's) concorre em igual medida para o valor final de

DPJ. A versão reduzida que derivou das opções ora descritas foi designada de PYDp/red.

Procedimentos

De aplicação do instrumento

Antes da aplicação do instrumento, foram garantidas as devidas autorizações de todos os intervenientes no processo e os questionários foram aplicados pelos professores de Educação Física aos seus alunos em situação similar à de um teste escrito de avaliação em aulas de um tempo letivo (i.e., 45 minutos) salientando, desde logo, que o seu preenchimento era de carácter voluntário. A todos os aplicadores foi detalhadamente descrito o protocolo previsto para a correta aplicação do questionário bem como as instruções e ajudas que deviam dirigir aos jovens respondentes.

De análise dos dados

Foram estudadas as propriedades psicométricas do instrumento PYDp/red, nomeadamente no que concerne à sua fiabilidade e à sua estrutura fatorial. No que concerne à fiabilidade do instrumento, procedeu-se à determinação do alfa de Cronbach (A) relativo a cada dimensão, constituída por seis itens. Adicionalmente foram analisadas as correlações inter-item e item-total dos 30 itens do PYDp/red. Para a análise da estrutura fatorial do PYDp/red recorreu-se à técnica da AFC, privilegiando os indicadores normalmente utilizados para este efeito: *chi square* (χ^2); *degrees of freedom* (gl); *ratio chi square statistics/degrees of freedom* (χ^2 /gl); *non-normed fit index* (NNFI); *comparative fit index* (CFI); *root mean square error of approximation* (RMSEA) e *standardized root mean square residual* (SRMR). Foram utilizados os programas informáticos SPSS 19.0 e o LISREL 8.80.

RESULTADOS

O quadro 2 apresenta um resumo dos principais resultados da análise descritiva obtida no estudo do PYDp/red.

Quadro 2 – Valores mínimos, máximos, médios (M), dos desvios-padrão (DP), de assimetria e achatamento das respostas aos itens do PYDp/red.

DIMENSÃO	ITEM	MÍN-MÁX	M	DP	ASSIMETRIA	ACHATAMENTO
Caráter	1	1-4	2.94	.88	-.53	-.39
	2	1-4	3.71	.59	-2.27	5.51
	3	1-4	3.47	.72	-1.32	1.33
	4	1-4	3.52	.7	-1.56	2.35
	5	1-4	3.59	.64	-1.59	2.5
	6	1-4	3.43	.72	-1.19	1.09
Cuidado e atenção	7	1-4	3.39	.9	-1.43	1.11
	8	1-4	2.87	.92	-.42	-.68
	9	1-4	3.11	.94	-.82	-.3
	10	1-4	3.26	.73	-.45	-1.02
	11	1-4	3.38	.89	-1.33	.81
	12	1-4	3.28	.8	-.93	.27
Conexão	13	1-4	3.35	.9	-1.29	.67
	14	1-4	3.37	.86	-1.35	1.08
	15	1-4	2.85	1.06	-.51	-.97
	16	1-4	2.93	1.01	-.59	-.75
	17	1-4	3.13	.83	-.72	-.1
	21	1-4	3.31	.81	-1.11	.72
Confiança	18	1-4	3.29	.82	-1.11	.77
	19	1-4	3.43	.81	-1.43	1.46
	20	1-4	2.50	1.14	.15	-1.42
	24	1-4	3.76	.5	-2.06	3.45
	28	1-4	3.48	.64	-.85	-.33
	30	1-4	3.34	.7	-.57	-.82
Competência	22	1-4	3.59	.63	-1.3	.52
	23	1-4	3.67	.55	-1.49	1.27
	25	1-4	3.55	.62	-1.04	.02
	26	1-4	3.55	.66	-1.18	.14
	27	1-4	3.48	.66	-.91	-.32
	29	1-4	3.56	.66	-1.2	.19

Os resultados do estudo da fiabilidade do PYDp/red estão ilustrados no quadro

3.

Quadro 3 – Valor do alfa de Cronbach de cada dimensão do PYDp/red

Dimensão	A
Competência	.79
Confiança	.82
Conexão	.65
Caráter	.71
Cuidado e atenção	.73

No seguimento das sugestões de Clark e Watson (1995), que consideraram necessário proceder à análise das matrizes de correlação inter-item e item-total conjuntamente com a determinação do alfa de Cronbach, para que se possa estabelecer com segurança a consistência interna e a homogeneidade de um instrumento, procedeu-se em conformidade, tendo-se recorrido, para tal, ao coeficiente de correlação de *Pearson* (ver quadros 4 e 5).

Quadro 4 – Valores de correlação inter-fator do PYDp/red

	Competência	Confiança	Conexão	Caráter	Cuidado e atenção
Competência	1				
Confiança	.94	1			
Conexão	.47	.59	1		
Caráter	.27	.27	.56	1	
Cuidado e atenção	.16	.15	.35	.57	1

Quadro 5 – Matrizes das correlações inter-itens e item-total

Dimensão	Item	1	2	3	4	5	6	PYDp/red
Caráter	1	1						.39
	2	.34	1					.41
	3	.2	.24	1				.35
	4	.22	.26	.28	1			.5
	5	.25	.28	.22	.5	1		.5
	6	.28	.22	.24	.36	.39	1	.46
Dimensão	Item	7	8	9	10	11	12	PYDp/red
Cuidado e atenção	7	1						.35
	8	.3	1					.37
	9	.2	.19	1				.42
	10	.27	.24	.45	1			.58
	11	.19	.28	.28	.41	1		.48
	12	.25	.26	.34	.53	.47	1	.56
Dimensão	Item	13	14	15	16	17	18	PYDp/red
Conexão	13	1						.48
	14	.59	1					.45
	15	.27	.26	1				.45
	16	.28	.28	.43	1			.45
	17	.16	.16	.24	.26	1		.29
	18	.15	.08	.15	.07	.09	1	.17
Dimensão	Item	19	20	21	22	23	24	PYDp/red
Confiança	19	1						.48
	20	-.16	1					-.27
	21	.05	-.23	1				.47
	22	.41	-.21	.44	1			.54
	23	.34	-.22	.32	.53	1		.48
	24	.38	-.2	.44	.55	.58	1	.55
Dimensão	Item	25	26	27	28	29	30	PYDp/red
Competência	25	1						.53
	26	.39	1					.57
	27	.34	.34	1				.5
	28	.5	.28	.32	1			.51
	29	.3	.64	.33	.36	1		.58
	30	.35	.34	.45	.38	.39	1	.54

A AFC que foi conduzida para avaliar a estrutura fatorial do PYDp/red apresentou os seguintes valores de ajustamento: $\chi^2 = 1049.90$; $gl = 395$; $\chi^2/ gl = 2.63$; NNFI = .92; CFI = .93; RMSEA = .059; SRMR = .062. Embora estes resultados tenham revelado um bom ajuste, considerando algumas sugestões do *software* utilizado, no sentido de permitir erros de correlação entre alguns pares de itens, bem como as

considerações teóricas implicadas, foram introduzidas algumas reespecificações que foram melhorando o seu ajuste, como é possível confirmar no quadro 6.

A primeira reespecificação resultou da permissão transmitida ao *software* para correlacionar os erros entre os itens 14 e 13 (i.e., “na minha família sinto-me útil e importante” e “tenho muitas conversas agradáveis com os meus pais”, respetivamente).

Na segunda reespecificação foram permitidos os erros de correlação entre os itens 19 e 18 (i.e., “tenho a certeza de que quando for adulto terei uma boa vida” e “em termos gerais eu gosto de mim mesmo”, respetivamente).

Quadro 6 – Resultados encontrados após as reespecificações permitindo erros de correlação

	χ^2	df	χ^2/df	NNFI	CFI	RMSEA	SRMR
Reespecificação 1 (erro 14-13)	972.0	394	2.46	.93	.94	.055	.059
Reespecificação 2 (erros 14-13 e 19-18)	907.08	393	2.3	.91	.95	.051	.059

Em resultado das reespecificações introduzidas, os pesos fatoriais e os respetivos erros padrão, os valores t e a magnitude da variância que cada item partilha com o respetivo fator quando considerado o modelo final do PYDp/red, estão apresentados no quadro 7.

Quadro 7 – Estimativa do peso fatorial (erro padrão), valor t e variância que os fatores extraem dos itens do PYDp/red, quando considerado o modelo na sua versão final

ITEM	CARÁTER	CAUIDADO	CONEXÃO	CONFIANÇA	COMPETÊNCIA	VALOR t	R ²
Ch1	.42 (.04)					10.25	.18
Ch2	.29 (.03)					10.33	.08
Ch3	.29 (.03)					8.43	.08
Ch4	.45 (.03)					14.31	.20
Ch5	.42 (.03)					14.43	.18
Ch6	.43 (.03)					13.10	.19
Cr1		.38 (.04)				9.06	.14
Cr2		.43 (.04)				10.49	.19
Cr3		.55 (.04)				13.17	.3
Cr4		.51 (.03)				16.40	.26
Cr5		.57 (.04)				14.78	.32
Cr6		.6 (.03)				17.98	.36
Cn1			.46 (.04)			10.24	.21
Cn2			.42 (.04)			9.80	.18
Cn3			.6 (.05)			11.67	.36
Cn4			.62 (.05)			12.71	.38
Cn5			.35 (.04)			8.44	.12
Cn6			.24 (.04)			5.80	.06
Cf1				.5 (.03)		14.79	.25
Cf2				.51 (.03)		15.02	.26
Cf3				.4 (.04)		11.32	.16
Cf4				.41 (.02)		18.29	.17
Cf5				.33 (.02)		15.52	.11
Cf6				.4 (.02)		17.62	.16
Cm1					.45 (.03)	16.94	.2
Cm2					.37 (.03)	12.43	.14
Cm3					.28 (.03)	9.44	.08
Cm4					.51 (.03)	19.06	.26
Cm5					.37 (.03)	11.98	.14
Cm6					.18 (.02)	7.35	.03

DISCUSSÃO

No que concerne à análise descritiva dos resultados, ilustrada resumidamente no quadro 2, pode constatar-se que os inquiridos utilizaram todas as possibilidades de resposta (i.e., de 1 a 4) para cada um dos 30 itens do questionário, sendo que os valores médios dessas mesmas respostas variaram entre 2.5 e 3.76. Da consulta aos valores das respostas, verifica-se a ausência dos fenômenos de assimetria ou achatamento, bem como de uma concentração excessiva de respostas em qualquer dos itens, o que confirma a existência de uma distribuição normal univariada dos dados da amostra.

Através da determinação do alfa de Cronbach para cada uma das dimensões, patente no quadro 3, e tendo como referência as sugestões de Clark e Watson (1995), que consideraram como aceitáveis valores entre .6 e .7, pode considerar-se demonstrada a fiabilidade do PYDp/red. Adicionalmente, os mesmos autores sugeriram que valores de alfa de Chronbach iguais ou superiores a .95 podem significar a existência de redundância, o que não se verificou neste caso em qualquer das dimensões, conferindo assim maior robustez ao já constatado.

No que concerne à análise das matrizes de correlação inter-item, os valores desta devem situar-se entre .15 e .5 (Clark & Watson, 1995), condição para que os itens se diferenciem adequadamente entre si, permitindo recolher mais e mais válida informação do construto em análise. No presente estudo, apesar de algumas das correlações encontradas terem sido ligeiramente inferiores ou superiores ao valor sugerido, pode considerar-se que, em virtude dessas diferenças serem reduzidas, eventuais pequenas redundâncias não deixam de conferir consistência interna e homogeneidade ao PYDp/red.

Ainda no tocante à consistência interna, todos os valores das correlações item-total situaram-se acima de .2, com a exceção de um, que, ainda assim, ficou muito próximo (i.e., .17). Valores inferiores a .2 são, segundo Clark e Watson (1995), critério para considerar proceder à eliminação de itens; contudo, dada a reduzida diferença, o facto de ser apenas um item e o de não se verificarem ganhos com a eliminação desse item, o mesmo não foi eliminado.

Os valores dos índices que foram considerados na AFC conduzida ao PYDp/red sugerem um bom ajustamento do modelo proposto. Apesar do ratio χ^2/gl ser inferior a 3, como Marsh e Hocevar (1985) e Byrne (2001) afirmaram ser preferível, é conhecida a sensibilidade deste teste em amostras grandes (como é o caso desta). No mesmo sentido,

foi tido em linha de conta o alerta de Hu e Bentler (1999), de que mesmo modelos com um bom ajustamento têm sido associados com resultados significativos de testes de χ^2 . Assim, foi considerada a sugestão destes autores de que pode considerar-se haver um bom ajustamento quando os índices CFI são iguais ou superiores a .95, os de NNFI superiores a .9, os de RMSEA são iguais ou inferiores a .06 e os de SRMR são iguais ou inferiores a .08, o que se verificou. Estes valores são, segundo Hu e Bentler (1999) e Brown (2006), os valores de corte para se poder considerar existir um bom ajustamento. No entanto, consideramos ser importante proceder a uma detalhada comparação entre os valores destes índices com os que obtidos em estudos semelhantes nas diferentes versões do instrumento em questão (Quadro 8). No que respeita a ratio χ^2/gf , a comparação com os referidos estudos permite constatar que o valor obtido no PYDp/red foi o único inferior a 3. Ainda que o teste do χ^2 possa ser sensível a amostras grandes, este resultado é, desde logo, um indício de um bom ajuste. Além disso, analisando os valores obtidos nos outros índices anteriormente referenciados, pudemos constatar que, no tocante ao NNFI, e ainda que o valor obtido no presente estudo tenha ficado ligeiramente aquém ao obtido por Lerner et al. (2005), encontra-se muito acima do valor de corte, podendo considerar-se como bom. De referir que o estudo de Jones et al. (2011) não disponibiliza o valor deste índice. Relativamente ao valor de CFI, embora também tenha ficado ligeiramente aquém do obtido no *Measure of PYD* (Lerner et al., 2005), ficou igualmente acima do valor de corte, podendo considerar-se como bom. No que se refere ao valor do RMSEA, não obstante ter sido ligeiramente superior ao encontrado por Lerner et al. (2005), fica consideravelmente abaixo do valor de corte apontado e pode considerar-se bom. Por fim, o valor do SRMR foi o menor de todos, encontrando-se consideravelmente abaixo dos valores encontrados nas outras versões,

bem como do valor de corte sugerido para poder considerar-se bom. De referir que o estudo elaborado por Lerner et al. (2005) não disponibiliza o valor deste índice.

Quadro 8 – Valores dos índices de ajustamento de cada instrumento

	χ^2	df	χ^2/df	NNFI	CFI	RMSEA	SRMR
<i>Measure of PYD</i> (Lerner et al., 2005)	552	134	4.119	.98	.99	.043	ND*
PYD-Sport (Jones et al., 2011)	1257.07	395	3.591	ND*	.93	.094	.082
Presente estudo	907.08	393	2.3	.91	.95	.051	.059

* Não disponível

Em suma, os resultados encontrados na AFC conduzida ao *Measure of PYD* (Lerner et al., 2005) sugerem um excelente ajustamento ao modelo proposto, o que, de resto, foi corroborado por Phelps et al. (2009) e destacado por Jones et al. (2011). Em sentido contrário, no estudo no qual foi desenvolvido o PYD-Sport (versão reduzida de Jones et al., 2011) a AFC não encontrou resultados que permitissem sugerir um bom ajustamento ao modelo submetido. Por sua vez, os resultados obtidos através da AFC efetuada ao PYDp/red sugerem um bom ajustamento ao modelo proposto, embora a qualidade do ajustamento não se tenha revelado tão elevada quanto a do *Measure of PYD*. Com efeito, a divisão do χ^2 pelos graus de liberdade é, segundo Marsh e Hocevar (1985) e Byrne (2001) preferível resultar num valor inferior a 3, o que aqui se constata. No mesmo sentido, o valor de RMSEA inferior a .06 é, segundo Thompson (2004), indicador de um bom ajuste ao modelo. Também no que se refere ao valor de SRMR (.059), este encontra-se dentro do valor de corte sugerido por Hu e Bentler (1999) (i.e., < .08), o que, mais uma vez, sugere a adequação ao modelo. Também o valor de NNFI e o valor de CFI, por serem superiores a .9, são considerados como indicativos de elevada adequação ao modelo (Tanaka, 1993).

Outro aspeto relevante aqui considerado foi o alerta de Jones et al. (2011) para o facto de, apesar dos valores dos índices de ajustamento obtidos por Lerner et al. (2005) sugerirem um excelente ajustamento do modelo proposto, não ter sido considerada a moderada/ elevada correlação interfator, o que, segundo os autores, sugere uma quantidade substancial de sobreposição concetual (i.e., a correlação interfator entre competência e confiança, competência e conexão, competência e carácter, confiança e conexão, confiança e carácter, conexão e carácter variaram entre .63 e .75).

Os mesmos autores apontam a Phelps et al. (2009) a mesma moderada/ elevada correlação interfator que estava associada com qualquer dos seus modelos, o que terá possibilitado, também, uma eventual sobreposição concetual entre os C's. Também no estudo efetuado por Jones et al. (2011), os autores obtiveram valores elevados de correlação interfator (i.e., 5 em 10 dessas correlações variaram entre .81 e .94), sugerindo um elevado grau de sobreposição concetual entre muitos dos fatores, razão para a sua rejeição do modelo de cinco fatores. Já no que respeita ao PYDp/red, constatou-se a existência de correlações moderadas entre Conexão e Competência, Conexão e Confiança, Carácter e Conexão e Cuidado e Carácter (i.e., entre .47 e .59), e também entre Confiança e Competência (i.e., .94). Deste modo, muito embora se tenham encontrado algumas correlações moderadas no que respeita ao PYDp/red, muito próximas do valor de corte para serem consideradas moderadas (i.e., .4), sendo uma mesmo elevada, estas apresentam menor expressão do que as que foram encontradas nos restantes instrumentos.

CONCLUSÕES

O PYDp/red mostrou ser um instrumento válido em função dos resultados obtidos nas análises efetuadas. A AFC conduzida sugere que a estrutura de cinco fatores pode ser utilizada com segurança para avaliar o construto DPJ em contextos desportivos dos jovens nos países de língua portuguesa. Ainda assim, o questionário ora desenvolvido apresenta alguns valores de correlação interfator moderada, sendo uma elevada, entre alguns desses fatores, pelo que o PYDp/red deverá ser objeto de posteriores estudos e eventuais melhoramentos.

Estando demonstrada a validade do PYDp/red como instrumento de avaliação do DPJ entre os jovens pertencentes a países do espaço da lusofonia, o futuro da investigação neste campo poderá passar pela aplicação do instrumento em maior escala, caracterizando o DPJ dos jovens assim como relacionando o DPJ com outras variáveis (e.g., idade, sexo, prática desportiva).

O desenvolvimento deste instrumento vem assim possibilitar efetuar um levantamento do patamar em que os jovens lusos se encontram em termos de valores de DPJ, permitindo comparar esse patamar com o de outras realidades culturais e, se necessário, intervir neste âmbito com a possibilidade de avaliar, com segurança, a qualidade dessas intervenções.

Estudo 3

Desenvolvimento Positivo dos Jovens:

Estudo exploratório realizado com estudantes portugueses ³

³ Artigo submetido

INTRODUÇÃO

O Desenvolvimento Positivo dos Jovens (DPJ) constitui uma nova perspectiva de encarar a adolescência, sugerindo que todos os jovens encerram em si as potencialidades necessárias para um desenvolvimento positivo, saudável e de sucesso (Lerner et al., 2013). Especificamente, o DPJ procura intervir junto dos jovens com especial enfoque nas suas características positivas tais como competências intelectuais e físicas, capacidade de relacionamento ou altruísmo, prevenindo fatores de risco tais como falta de suporte familiar, fraco rendimento escolar ou baixa autoestima.

Esta perspectiva deu origem a um vasto campo de investigação, cujo evidente incremento de publicações na literatura especializada comprova a pertinência desta área no estudo do desenvolvimento dos jovens (Damon & Lerner, 2006). De uma forma geral, os estudos sobre intervenções no campo do DPJ dão conta de resultados animadores, visto que, com o decorrer da participação em programas de DPJ devidamente estruturados, os jovens parecem, invariavelmente, revelar um desenvolvimento das suas características positivas enquanto diminuem os seus comportamentos de risco. Contudo, em três grandes revisões de literatura efetuadas neste âmbito, os seus autores (i.e., Catalano, Berglund, Ryan, Lonczac, & Hawkins, 1999; *National Research Council and Institute of Medicine*, 2002; Roth, Brooks-Gunn, Murray, & Foster, 1998), afirmaram que, apesar do aumento de pesquisas e intervenções, por questões de definição e de metodologia, a compreensão exata de como se desenvolve o DPJ permanece limitada.

Na generalidade, as propostas para abordar o DPJ basearam-se na premissa de que o desenvolvimento das competências cognitivas, académicas, sociais e emocionais é uma tarefa fundamental na adolescência (Weissberg & O'Brien, 2004). Em paralelo, existem modelos que preveem a aprendizagem social e emocional, nomeadamente

através do desenvolvimento da autoconsciência, da consciência social, da autogestão, da tomada de decisão responsável e das capacidades de relacionamento (*Collaborative for Academic, Social, and Emotional Learning*, 2011). Com efeito, na literatura são várias as referências relativas a diferentes modelos (e.g., *Taking Personal and Social Responsibility*, ver Hellison, 1995; *Forty Development Assets*, ver Benson, Leffert, Scales, & Blyth, 1998; *Life Skills Transfer*, ver Weiss, Bolter, & Kipp, 2014), mas não foi ainda encontrado um que reúna consensualidade generalizada entre os investigadores. Ainda assim, entre todos os modelos, um dos que mais se destaca e mais consensos reúne é o proposto por Lerner et al. (2005), conhecido como o modelo dos 5 C's, que prevê analisar o DPJ através de cinco características: Caráter, Competência, Cuidado/Atenção, Conexão e Confiança.

De um modo geral, nos vários modelos, o sucesso do desenvolvimento dos jovens é avaliado pelo incremento de comportamentos positivos (e.g., satisfação com a vida, autodeterminação, sucesso escolar) conjuntamente com a diminuição de comportamentos de risco (e.g., delinquência, violência, consumo de substâncias ilícitas). Além disso, diferentes investigadores têm proposto instrumentos que procuram avaliar os conceitos subjacentes ao Desenvolvimento Positivo. Todavia, entre os instrumentos de avaliação que têm sido propostos (e.g., *Positive Youth Development Inventory*, Arnold, Nott, & Meinhold, 2012; *Rochester Evaluation of Asset Development for Youth*, Klein et al., 2006; *Youth Experience Survey*, Hansen & Larson, 2005), nenhum parece assentar numa robustez concetual tão sólida como o *Measure of PYD* (Lerner et al., 2005), o qual permite aferir a operacionalização do modelo dos 5 C's e deriva de anteriores propostas de Benson et al. (1998), Harter (1983), e Small e Rogers (1995). O *Measure of PYD* tem originado sucessivos estudos, não só por parte dos seus autores (estudos esses desenvolvidos no âmbito da *4-H*, organização americana para a promoção

do DPJ), mas também por parte de outros investigadores (e.g., Jones, Dunn, Holt, Sullivan, & Bloom, 2011; Phelps et al., 2009). Estas investigações têm comprovado o potencial deste instrumento enquanto ferramenta para avaliar o DPJ. Por sua vez, Esperança, Dias, Brustad e Fonseca (2016, no prelo) desenvolveram uma versão que deriva do *Measure of PYD* (i.e., o PYDp/red), a qual demonstrou possuir as necessárias propriedades psicométricas para a sua aplicação nos países da lusofonia.

Refira-se ainda que a investigação realizada neste âmbito é quase exclusivamente proveniente de países de expressão inglesa e, segundo Conway, Heary, e Hogan (2015), existe um reconhecimento crescente da necessidade de informações de DPJ em diferentes contextos. No que concerne aos países de expressão portuguesa, os estudos desenvolvidos em Portugal (e.g., Correia, 2007; Nogueira, 2011; Regueiras, 2006) e no Brasil (e.g., várias intervenções dinamizadas pelo Instituto Ayrton Senna no âmbito do seu Programa Educação pelo Desporto) incidiram sobretudo no modelo *Taking Personal and Social Responsibility* (TPSR; Hellison, 1995), não tendo sido encontrado nenhum que se tenha baseado no modelo dos 5 C's e recorrido ao *Measure of PYD* como ferramenta de avaliação.

Importa ainda sublinhar que os estudos mencionados anteriormente, de uma forma geral, demonstraram a eficácia e utilidade das intervenções deste âmbito em países lusófonos, salientando-se a aceitação e recetividade dos jovens, professores e instituições, o que vem conferir a pertinência deste campo de investigação também nestes países.

Adicionalmente, importará salientar que, não obstante investigações anteriores contemplando alguns construtos que compõem o DPJ terem encontrado diferenças quando estudada a variável sexo (e.g., autoconceito mais elevado nos rapazes; empatia mais elevada nas raparigas) e idade (e.g., satisfação com a vida mais elevada nos jovens

mais novos), são ainda escassos os estudos que examinem as diferenças no Desenvolvimento Positivo nestas duas variáveis, razão pela qual, segundo Shek, Sun e Ma (2014), seria interessante estudar esta lacuna. A este respeito, acrescenta-se que a adolescência envolve uma série de transformações físicas, emocionais, cognitivas e sociais, sendo neste período que ocorre a puberdade e os jovens partem para a construção da sua identidade. Além disso, é durante a adolescência, uma fase repleta de mudanças interiores, que os jovens acabam por estar expostos a vários fatores de mudança do meio que os rodeia (e.g., mudança de ciclo escolar, muitas vezes acompanhada de mudança da própria escola, com toda a alteração de relações que tal implica).

Face ao anteriormente exposto, este estudo teve como objetivo perceber quais os domínios em que os jovens estão mais ou menos desenvolvidos relativamente aos 5 C's, analisando os dados em função do sexo e da idade.

METODOLOGIA

Participantes

Participaram nesta investigação 907 jovens de escolas de ensino público de várias regiões geográficas de Portugal (e.g., Aveiro, Porto, Vale de Cambra, Viseu), de ambos os sexos (471 rapazes) e com idades compreendidas entre os 12 e os 15 anos ($M=13.43$ e $DP=1.12$), tendo como traço comum a frequência do ensino básico regular.

Considerando os objetivos anteriormente apresentados, foram constituídos dois escalões etários: escalão 1 – 12/13 anos (214 rapazes, 234 raparigas) e escalão 2 – 14/15 anos (257 rapazes e 202 raparigas).

Instrumento

Para avaliar o DPJ dos jovens lusos foi utilizado o PYDp/red (Esperança et al., no prelo). Este instrumento é a versão reduzida do PYDp que, por sua vez, é a versão portuguesa do *Measure of PYD* (Lerner et al., 2005). O PYDp/red é constituído por 30 itens, divididos equitativamente por cinco dimensões: carácter (respeito pelas regras sociais e culturais, possuir padrões corretos de comportamento e senso de moralidade e integridade; e.g., “Dizer a verdade mesmo quando não é fácil), cuidado (sentido de simpatia e empatia pelos outros; “Tenho pena das pessoas que não têm o que eu tenho”), conexão (vínculos positivos com pessoas e instituições que se refletem em trocas bidirecionais entre o indivíduo e seus pares, família, escola e comunidade em que ambas as partes contribuem para a relação; e.g. “Na minha família sinto-me útil e importante”), confiança (sentido interno de autoestima e autoeficácia geral positivo; uma opinião própria global em oposição ao domínio das crenças específicas; “No geral estou contente comigo mesmo”) e competência (visão positiva das próprias ações em áreas específicas, incluindo o domínio social, académico, cognitivo e profissional; “A alguns jovens o corpo agrada-lhes tal como é”). Os itens são avaliados numa escala de Likert, através da qual os sujeitos especificam o nível de concordância com o modo como cada afirmação se aplica a eles, tendo como opção de resposta quatro possibilidades entre 1 (*nada importante*) e 4 (*muito importante*), ou semelhantes opções, sempre entre 1 e 4, de acordo com a adaptação da resposta à pergunta (e.g., 1 – *eu sou completamente diferente* ou 4 – *eu sou exatamente assim*).

PROCEDIMENTOS

O questionário foi aplicado aos jovens pelos seus professores em situação similar à de um teste escrito de avaliação, numa aula com a duração de 45 minutos. Os

professores transmitiram as informações necessárias aos jovens para que estes pudessem preencher o questionário sem dúvidas e de acordo com o protocolo de aplicação previamente estabelecido. Para a aplicação do questionário foram ainda recolhidas as devidas autorizações por parte das direções das várias escolas e, além disso, os jovens foram esclarecidos do carácter voluntário do preenchimento do questionário e da sua finalidade.

O tratamento estatístico foi efetuado no programa *Statistical Package for Social Science – SPSS 19.0 – Windows*. Recorreu-se à estatística descritiva com cálculo das médias, frequências e percentagens, tendo também sido utilizado o teste t para localização das diferenças significativas. O nível de significância foi estabelecido em $p < .05$.

RESULTADOS

Níveis globais de Desenvolvimento Positivo

Como referido inicialmente, o primeiro objetivo deste estudo foi avaliar o Desenvolvimento Positivo dos Jovens portugueses, considerando, para o efeito, os diferentes domínios sugeridos no modelo que serviu de base a esta pesquisa. Em conformidade, os resultados globais (i.e., média \pm desvio-padrão) encontrados em cada uma das cinco dimensões foram os seguintes: Carácter $2.4 \pm .47$; Cuidado $2.17 \pm .61$; Conexão $2.16 \pm .58$; Confiança $2.64 \pm .59$ e Competência $2.69 \pm .58$. Ou seja, a dimensão que apresentou o resultado mais baixo foi a Conexão, enquanto a Competência apresentou o resultado mais elevado.

Análise por sexo

Quando se compararam rapazes e raparigas, apenas foi constatada uma diferença estatisticamente significativa, na dimensão Caráter, em favor das raparigas. Adicionalmente, estas também apresentavam resultados médios mais elevados do que os rapazes no Cuidado e Conexão, tendo o contrário ocorrido nas dimensões Confiança e Competência; todavia, estas diferenças não eram estatisticamente significativas (Quadro 1).

Quadro 1. Diferenças nos 5 C's em função do sexo.

Dimensão/ Sexo	Masculino <i>M ± DP</i>	Feminino <i>M ± DP</i>	Teste t
Caráter	2.31 ± .52	2.5 ± .39	$t_{(1.905)} = -6.25; p < .001$
Cuidado	2.07 ± .62	2.28 ± .57	$t_{(1.903)} = -5.27; p = .07$
Conexão	2.11 ± .59	2.2 ± .56	$t_{(1.905)} = -2.28; p = .36$
Confiança	2.66 ± .58	2.61 ± .61	$t_{(1.905)} = 1.08; p = .18$
Competência	2.79 ± .59	2.58 ± .55	$t_{(1.901)} = 5.57; p = .86$

Análise por idade

Através da consulta ao quadro 2, pode constatar-se que os valores das cinco dimensões de Desenvolvimento Positivo avaliadas eram inferiores nos jovens mais velhos, tendo sido encontradas diferenças estatisticamente significativas nas dimensões Conexão e Competência.

Quadro 2. Diferenças nos 5 C's em função da idade.

Dimensão/ Idade	12/13	14/15	Teste t
	<i>M ± DP</i>	<i>M ± DP</i>	
Caráter	2.46 ± .48	2.34 ± .46	$t_{(1,905)} = 3.76; p = .72$
Cuidado	2.25 ± .6	2.1 ± .61	$t_{(1,903)} = 3.69; p = .91$
Conexão	2.24 ± .6	2.07 ± .54	$t_{(1,905)} = 4.63; p = .02$
Confiança	2.7 ± .61	2.58 ± .57	$t_{(1,905)} = 3.16; p = .1$
Competência	2.74 ± .61	2.64 ± .54	$t_{(1,901)} = 2.66; p = .02$

Análise por sexo e idade

Em virtude de a análise aos dados globais ter revelado a existência de diferenças estatisticamente significativas em três das cinco dimensões (i.e., Caráter no que concerne à comparação dos sexos e Conexão e Competência quando se compararam os escalões etários), procedeu-se à comparação em função do sexo e da idade cumulativamente, conforme o disposto no quadro 3.

A análise dos resultados evidenciou duas diferenças com significado estatístico. Com efeito, na dimensão Caráter, em ambos os escalões etários, as raparigas exibiam valores significativamente mais elevados do que os rapazes. Adicionalmente constatou-se que, nos dois sexos, os valores médios dos 5 C's eram inferiores no segundo escalão etário comparativamente ao primeiro.

Quadro 3 – Diferenças nos 5 C's em função do sexo e da idade

	12/13			14/15		
	♂ <i>M ± DP</i>	♀ <i>M ± DP</i>	Teste <i>t</i>	♂ <i>M ± DP</i>	♀ <i>M ± DP</i>	Teste <i>t</i>
Caráter	2.38 ± .54	2.53 ± .39	$t_{(1.446)} = -3.5;$ $p < .001$	2.25 ± .5	2.46 ± .39	$t_{(1.457)} = -4.99;$ $p < .001$
Cuidado	2.11 ± .62	2.37 ± .54	$t_{(1.446)} = -4.6;$ $p = .05$	2.03 ± .62	2.18 ± .60	$t_{(1.455)} = -2.55;$ $p = .31$
Conexão	2.2 ± .62	2.28 ± .58	$t_{(1.446)} = -1.46;$ $p = .38$	2.04 ± .55	2.11 ± .52	$t_{(1.457)} = -1.25;$ $p = .65$
Confiança	2.72 ± .61	2.68 ± .61	$t_{(1.446)} = .53;$ $p = .79$	2.61 ± .55	2.53 ± .60	$t_{(1.457)} = 1.4;$ $p = .23$
Competência	2.84 ± .62	2.65 ± .59	$t_{(1.443)} = 3.37;$ $p = .77$	2.75 ± .56	2.50 ± .49	$t_{(1.456)} = 5.0;$ $p = .38$

DISCUSSÃO

Partindo do modelo conceitual proposto por Lerner et al. (2005), o propósito desta investigação foi o de avaliar o Desenvolvimento Positivo de Jovens portugueses, analisando as dimensões propostas por aquele autor (i.e., Caráter, Cuidado, Conexão, Confiança e Competência).

Pelo facto de não se encontrarem disponíveis resultados de estudos que tenham adotado o mesmo modelo de avaliação, não é possível efetuar comparações diretas entre os resultados do presente estudo com os de outros. Ainda assim, uma vez que o DPJ é um construto que engloba muitos outros que vêm sendo estudados à luz da psicologia há muito tempo, acreditamos que a comparação parcelar dos resultados das dimensões consideradas neste estudo com os resultados dessas investigações anteriores possibilitará estabelecer paralelos e interpretar melhor as características dos jovens portugueses nos domínios abordados. Nessa medida, considerando a definição de Lerner et al. (2005) para cada uma das cinco dimensões, será de observar alguma da investigação anterior na qual foram estudados os construtos devidamente enquadrados.

Um primeiro dado que importa realçar prende-se com o facto de os jovens evidenciarem níveis mais elevados nas questões que se prendem com o autoconceito e opiniões próprias (e.g., uma visão positiva das suas próprias ações) e menos elevados no que respeita às questões ligadas ao respeito pelas regras sociais e padrões corretos de comportamento, bem como à compreensão pelos outros e aos vínculos positivos. Neste contexto, e atendendo que a satisfação dos jovens com as suas vidas decorre de um julgamento com base nos seus próprios critérios, estando, portanto, muito relacionada com o autoconceito e opiniões pessoais, podemos afirmar que os resultados da nossa investigação vão ao encontro das constatações de alguns estudos internacionais (e.g., Pavot & Diener, 1993) e nacionais (e.g., Alves, 2008; Esperança, 2005; Moraes, Corte-Real, Dias, & Fonseca, 2009), nos quais se constatou que os jovens apresentavam valores elevados de satisfação com as suas vidas. Por outro lado, sobre a satisfação dos jovens com as suas vidas, Matos (2016) afirmou recentemente que os jovens portugueses baixaram consideravelmente os seus índices nos últimos anos, encontrando-se entre os últimos lugares de todos os jovens pertencentes aos 40 países que integraram o seu estudo. Todavia, importa ter presente que, segundo a autora, a última crise económica que se fez sentir em Portugal pode ajudar a explicar este cenário.

Adicionalmente, tendo em linha de conta que os comportamentos de saúde estão englobados no respeito pelas regras sociais e padrões corretos de comportamento, os resultados do presente estudo, nomeadamente no que respeita à dimensão Carácter, parecem estar parcialmente em consonância com os de Balaguer e Castillo (2002) e com outros realizados em Portugal (e.g., Corte-Real, 2006; Esperança, 2005), os quais constataram que um elevado número de jovens incorre em comportamentos que colocam em risco a sua saúde (e.g., alimentação não saudável, consumo de tabaco e

álcool, inatividade física). Ainda sobre este assunto, Matos (2016) sublinha que alguns dos comportamentos de risco se mantêm entre os jovens portugueses e que se assistiu a um aumento do fenómeno de *bullying*, o que parece indiciar a crescente falta de vínculos positivos com os pares, falta de respeito pelas regras sociais e padrões corretos de comportamento e, também, falta de sentido de compreensão e empatia pelos outros, o que também encontra paralelo nos nossos resultados.

Quando se analisaram as diferenças em função do sexo, constatou-se que as raparigas apresentavam resultados significativamente mais elevados do que os rapazes no Caráter, o que parece indiciar que elas possuíam uma perceção significativamente mais elevada do que os rapazes no que se refere à correção do seu padrão de comportamentos. De um modo global, estes resultados estão em consonância com investigações anteriores que estabeleceram comparações entre rapazes e raparigas. Lerner et al. (2005) e Phelps et al. (2009), por exemplo, encontraram níveis de DPJ mais elevados nas raparigas e Harter (1999) constatou que os rapazes tendiam a apresentar um autoconceito, sobretudo físico, mais elevado. Finalmente, refira-se que também McMullin e Cairney (2004) referiram que diferenças de sexo têm sido consistentemente encontradas com vantagem para as raparigas quando analisada a empatia e com vantagem para os rapazes quando analisada a autoestima, o que está em consonância com os resultados do nosso estudo. De acordo com O'Beaglaioich, Sarma e Morrison (2013), um fator que pode ajudar a explicar estes resultados é precisamente a perceção dos adolescentes sobre o papel de género, sendo de realçar a importância do papel que a masculinidade desempenha ao nível da inibição da expressão emocional dos jovens (e.g., a empatia). Aparentemente, a perceção que os rapazes possuem sobre a masculinidade prende-se mais com as suas competências e menos com ligações

emocionais. Pelo contrário, as raparigas, aparentemente, percebem o papel da feminilidade mais ligado aos vínculos emocionais.

No que concerne ao panorama português, estes resultados também estão em consonância com o que referiu Matos (2016) acerca das diferenças entre jovens dos dois sexos, nomeadamente que as raparigas têm quase sempre pior perceção da sua competência e são mais propensas a relatarem saúde irregular, múltiplas queixas e menor satisfação com a vida. A autora referiu mesmo que, em Portugal, como no resto do mundo, as raparigas estão a suscitar preocupações crescentes aos peritos da OMS. No mesmo sentido, Alves (2008), Esperança (2005) e Paupério (2013) constataram que os rapazes apresentavam valores médios de satisfação com a vida consistentemente superiores aos das raparigas. Adicionalmente, Esperança (2005) e Corte-Real (2006) constataram que embora os rapazes apresentassem maiores níveis de prática desportiva, as raparigas apresentavam mais comportamentos saudáveis (e.g., maior consumo de alimentos saudáveis e menor consumo de alimentos não saudáveis, de álcool e de tabaco).

Quando analisada a idade, verificou-se que o final da puberdade (fase da adolescência que ocorre por volta dos 13 anos) aparece associado aos resultados médios mais baixos em todas as dimensões, tendo sido encontradas diferenças significativas no Cuidado e Competência. De um modo geral, estes resultados apontam no sentido contrário aos de Harter (1999) e aos de Marsh (1989), os quais constataram que a autoestima vai aumentando nas diferentes fases da adolescência. Contudo, Harter (2003) refere que, além dessa constatação não ser consensual, é necessária investigação adicional, pois a adolescência é uma fase muito complexa no que concerne às autoavaliações. No panorama português, também não se verificam consensos. Feliciano e Afonso (2012), por exemplo, encontraram resultados que corroboraram os de Harter

(1999), enquanto Antunes et al. (2006) encontraram evidências em sentido contrário. Os nossos resultados são consonantes com os de Alves (2008), Esperança (2005) e Paupério, Corte-Real, Dias, Corredeira e Fonseca (2012), que constataram que a satisfação dos jovens com as suas vidas era menor nos mais velhos. Na mesma linha, Matos (2016) referiu que os jovens portugueses mais velhos apresentavam níveis de satisfação com a vida menores do que os mais novos. No que concerne aos comportamentos, quer a nível internacional (e.g., Balaguer & Castillo, 2002) quer em Portugal (e.g., Corte-Real, 2006; Esperança, 2005), diversos estudos constataram que os jovens mais velhos apresentavam mais comportamentos de risco para a saúde (e.g., consumos de álcool e tabaco, alimentação não saudável), o que parece ser consonante com os resultados mencionados anteriormente.

Quando analisado o sexo cumulativamente com a idade, verificou-se a existência de diferenças estatisticamente significativas entre rapazes e raparigas na dimensão Carácter. Com efeito, nos dois escalões etários, os resultados das raparigas, naquela dimensão, eram significativamente superiores aos dos rapazes. De notar que, em todas as dimensões, os resultados dos jovens mais velhos, de ambos os sexos, eram menores. Ou seja, mais uma vez, constatámos que a literatura relativa à investigação anterior acompanha os resultados do nosso estudo, não deixando de ser curioso constatar e alertar para o facto de o resultado global de DPJ (i.e., a soma dos resultados das cinco dimensões) ser menor naquela que é supostamente a fase mais importante das suas vidas (i.e., final da puberdade/ entrada na adultez), a qual implica um quadro de diferentes interações na comunidade onde os jovens se inserem.

CONCLUSÃO

De um modo geral, os jovens portugueses parecem estar mais desenvolvidos nas questões que se prendem com o autoconceito e opiniões pessoais, incluindo uma visão positiva das suas próprias ações, enquanto o respeito pelas regras, as ligações que estabelecem com a família, com os pares ou com a escola e o sentido de compreensão e empatia que nutrem pelos outros estão entre as características que deverão ser alvo de maior consideração.

Os resultados deste estudo estão de acordo com os resultados de outros estudos, quando constataram que as raparigas reportavam resultados de DPJ mais elevados do que os rapazes e também que os jovens mais novos tinham, igualmente, resultados mais elevados do que os mais velhos. Importará realçar que as principais diferenças encontradas, no que concerne às cinco dimensões, não se verificaram tanto ao nível do sexo mas mais ao nível da idade, evidenciando que a fase final da puberdade carece de especial atenção, porquanto era nessa faixa etária que os jovens apresentavam os resultados mais baixos.

Este estudo encerra algumas limitações, nomeadamente no que concerne à amostra e à impossibilidade de comparação de resultados provenientes de igual processo de avaliação. No futuro, seria conveniente reforçar a representatividade da amostra tendo em linha de conta outras variáveis sociodemográficas (e.g., procurar que a proveniência dos participantes seja oriunda de mais localizações geográficas do espaço da Lusofonia). Paralelamente, também seria oportuna investigação adicional no sentido de se proceder à recolha de informação, por forma a constituir-se uma *baseline* de dados referentes aos jovens lusos nas diversas dimensões; tal procedimento possibilitaria novos estudos, por ventura de carácter longitudinal, e comparações futuras entre resultados provenientes de avaliações similares. Por fim, a realização deste estudo

vem reforçar a importância de se desenvolver investigação adicional que objetive a aferição do DPJ considerando os fatores que mais contribuem para o seu sucesso, tendo em vista melhorar a percepção dos mecanismos através dos quais o DPJ se processa.

Estudo 4

**Desporto e Desenvolvimento Positivo de Jovens portugueses... Que
relação? ⁴**

⁴ Artigo submetido

INTRODUÇÃO

O Desenvolvimento Positivo dos Jovens (DPJ) é um termo muito abrangente que engloba ações com o propósito de eliminar fatores de risco (e.g., baixa autoestima, violência, consumo de substâncias ilícitas) e de enfatizar os fatores de proteção (e.g., responsabilidade, autonomia, coesão familiar) visando, deste modo, proporcionar aos jovens uma transição harmoniosa e bem-sucedida para a fase adulta. Neste sentido, diversos investigadores começaram a identificar os fatores que descrevem os jovens que conseguem desenvolver-se de forma harmoniosa e saudável, ultrapassando positivamente as dificuldades e sugerem quais as características positivas (e.g., autonomia, iniciativa, sentido crítico) que todos eles deviam ter (Bers, 2012).

Segundo Silbereisen e Lerner (2007), a multiplicação de pesquisas e publicações no âmbito do DPJ ilustra bem a pertinência deste campo para atuar ao nível do desenvolvimento dos jovens, contrariando a enraizada forma de procurar corrigir as suas supostas incapacidades. Por outro lado, são frequentes na literatura as referências ao Desporto enquanto contexto privilegiado, ou mesmo de excelência, para atuar ao nível do desenvolvimento harmonioso dos jovens (e.g., Brustad & Parker, 2005; Lerner et al., 2005; Martinek & Ruiz, 2005; Wright & Li, 2009), sendo reconhecido o poder ímpar que possui para cativar e atrair os jovens.

De acordo com Larson e Verma (1999), o Desporto é mesmo a mais popular das atividades organizadas em que os jovens se envolvem. Adicionalmente, num estudo de revisão sobre o DPJ através do Desporto, Holt e Neely (2011) concluíram que envolver os jovens em programas em contextos desportivos devidamente estruturados e apoiados cria condições capazes de habilitar esses jovens a vencerem as suas dificuldades e viverem felizes e saudáveis, tornando-se adultos de sucesso nas comunidades a que pertencem. Paralelamente, podem ser apontados alguns estudos de intervenção

desenvolvidos em países de expressão portuguesa, como o Brasil (e.g., várias intervenções dinamizadas pelo Instituto Ayrton Senna no âmbito do seu Programa Educação pelo Desporto) e Portugal (e.g., Correia, 2007; Nogueira, 2011; Regueiras, 2006), que demonstraram que o Desporto se constitui como um contexto privilegiado para a promoção do DPJ.

Todavia, apesar do Desenvolvimento Positivo dos Jovens através do Desporto ser um campo emergente e muito promissor, os avanços na investigação desta área parecem estar dificultados, em grande medida devido às debilidades encontradas na avaliação do impacto das intervenções realizadas nestes contextos. Por exemplo, numa recente revisão da literatura sobre DPJ através do Desporto, Camiré (2014) destacou o facto dos resultados da maioria dos estudos publicados se encontrarem limitados nas questões metodológicas, porquanto os seus autores basearam as respetivas conclusões em estudos de autorrelato, verificando-se um *deficit* ao nível da investigação empírica sobre a avaliação do impacto do Desporto no DPJ. O mesmo autor sugeriu que, em futuras investigações, fosse ultrapassada esta questão metodológica e de medição, propondo estudos empíricos que possam ajudar a esclarecer de que modo o Desporto se relaciona com as características positivas dos jovens.

De modo relacionado, importará sublinhar o modelo de abordagem ao DPJ proposto por Lerner et al. (2005). Este modelo, conhecido como o modelo dos 5 C's porque configura a existência de cinco dimensões essenciais ao DPJ - Conexão, Carácter, Cuidado, Competência e Confiança - configura-se atualmente como um modelo robusto neste domínio. Este modelo destaca-se também pelo facto de os seus autores terem desenvolvido um método para avaliar as cinco dimensões, as quais, resumidamente, definiram como: Carácter – respeito pelas regras sociais e padrões corretos de comportamento; Cuidado – sentido de compreensão e empatia pelos outros; Conexão –

vínculos positivos com pessoas e instituições; Confiança – sentido interior positivo do autoconceito e opiniões próprias e Competência – visão positiva das suas próprias ações.

É importante realçar que o interesse sobre os eventuais efeitos positivos no desenvolvimento dos jovens decorrentes da sua participação em atividades organizadas é antigo (Holt & Neely, 2011), sendo mesmo anterior ao conceito de DPJ. Não admira assim que existam numerosas investigações com objetivos próximos aos do DPJ, incluindo construtos como a autoestima, a satisfação com a vida, ou os comportamentos de saúde. Nestas investigações, variáveis como o sexo e a idade têm-se revelado importantes, razão pela qual nos parece ser pertinente considerar igualmente essas variáveis no presente estudo.

Por outro lado, refira-se que, em Portugal, uma anterior investigação de Esperança, Dias, Brustad e Fonseca (2016, no prelo), alicerçada no modelo concetual dos 5 C's, permitiu proceder à validação de um instrumento de avaliação para analisar o DPJ em países lusófonos (i.e., o PYDp/red).

Neste contexto, tendo em conta as considerações anteriores sobre o potencial do Desporto para a promoção do DPJ e, também, os primeiros passos que foram dados na investigação com o recurso à metodologia proposta por Lerner et al. (2005) em Portugal, a presente investigação teve como objetivo estudar a relação entre a prática desportiva e o DPJ, examinando especificamente a existência de diferenças nas cinco dimensões do modelo proposto por Lerner et al. (2005) em função da frequência de prática desportiva.

Adicionalmente, procurando corresponder às recomendações disponíveis na literatura relacionada com esta área do conhecimento, foi também objetivo deste estudo analisar a existência de diferenças nas variáveis ligadas à prática desportiva e ao DPJ, em função do sexo e da idade.

METODOLOGIA

Participantes

Participaram neste estudo 907 jovens alunos portugueses de ambos os sexos, com idades compreendidas entre os 12 e os 15 anos ($M = 13.43$ e $DP = 1.12$), que residiam em diversos locais de Portugal (e.g., Porto, Vale de Cambra, Viseu) e frequentavam o ensino regular em escolas de ensino público.

Instrumentos

O instrumento aplicado foi o PYDp/red, que consiste numa versão mais reduzida do PYDp, o qual, por sua vez, é a versão traduzida e adaptada para a realidade portuguesa do questionário *Measure of PYD* de Lerner et al. (2005). Esta versão reduzida é composta por 30 dos 76 itens do PYDp, que são avaliados numa escala de Likert através da qual os respondentes especificam o nível de concordância com o modo que cada afirmação se aplica a eles próprios, tendo como opção de resposta quatro possibilidades entre 1 (correspondente a “*nada importante*”, “*nada assim*”, “*discordo totalmente*”, “*completamente falso*”, ou “*sou diferente*”) e 4 (correspondente a “*muito importante*”, “*exatamente assim*”, “*concordo totalmente*”, “*completamente verdadeiro*”, ou “*sou exatamente assim*”). Os 30 itens estão agrupados em cinco dimensões: Caráter (6 itens; e.g., “Dizer a verdade mesmo quando não é fácil”); Cuidado e atenção, (6 itens; e.g., “Fico triste quando vejo alguém que não tem amigos”); Conexão (6 itens; e.g., “Na minha família, sinto-me útil e importante”); Confiança (6 itens; e.g., “No geral, estou contente comigo mesmo”) e Competência (6 itens; e.g., “Alguns jovens acham que podem fazer bem qualquer atividade desportiva”).

O PYDp/red permite avaliar cada uma das cinco dimensões através da média dos valores do itens correspondentes e através da soma dos valores relativos a cada dimensão avaliar o valor global de DPJ.

Para além do PYDp/red, os participantes indicaram a frequência com que praticavam Desporto, respondendo à questão: “Fora das aulas de Educação Física, praticas algum tipo de Desporto habitualmente?”. Os jovens tinham como opção de resposta 1 (nunca pratico), 2 (pratico só às vezes) ou 3 (pratico regularmente).

Procedimentos

Procedimento de recolha dos dados

Os jovens responderam a todas as questões anteriormente referidas em situação similar à de um teste escrito de avaliação nas aulas de um tempo letivo de 45 minutos. Para o efeito, foram garantidas todas as autorizações necessárias e foram seguidos todos os critérios do protocolo de aplicação. Aos alunos foi transmitida a finalidade da informação a recolher, bem como esclarecido o carácter facultativo da sua participação.

Procedimento de tratamento dos dados

Na linha dos objetivos anteriormente identificados, os participantes foram distribuídos por dois escalões etários (escalão 1: 12/13 anos [214 rapazes, 234 raparigas]; escalão 2: 14/15 anos [257 rapazes, 202 raparigas]), procurando-se assim contemplar iguais períodos temporais da adolescência, correspondentes à fase inicial e média desta etapa das suas vidas.

Durante a aplicação do questionário, foi transmitido aos jovens que, ao responderem às questões relacionadas com a prática desportiva, não tivessem em conta os dois dias semanais em que praticavam Educação Física na escola.

Assim, em função da prática desportiva realizada fora da escola, os jovens foram distribuídos por três grupos. No grupo 1, foram incluídos os alunos que, excetuando as aulas de Educação Física, nunca praticavam Desporto ($n = 188$; 65 rapazes, 123 raparigas; 20.73% da amostra total). No grupo 2 foram considerados os alunos que, para além das aulas de Educação Física, praticavam Desporto de forma ocasional (e.g., participação em algum evento desportivo, na escola ou fora dela) ($n = 287$; 136 rapazes, 151 raparigas; 31.64% da amostra total). Finalmente, no grupo 3 foram integrados os jovens que, para além das aulas de Educação Física, estavam igualmente envolvidos em atividades físicas regulares (e.g., ginásios, clubes), ($n = 422$; 267 rapazes, 155 raparigas; 46.53% da amostra total).

A informatização dos dados foi efetuada com recurso ao programa *Statistical Package for Social Science – SPSS 19.0 – Windows*. Recorreu-se à estatística descritiva para o cálculo das frequências, médias, percentagens e desvios padrão, e utilizados o teste t e ANOVA para comparações dos sexos e grupos etários (com valores de significância de $p < .05$).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A prática desportiva e o DPJ nos dois sexos

No quadro 1 são apresentados os resultados relativos a cada uma das dimensões do DPJ em função do nível de prática desportiva, nos rapazes.

Quando se cruzaram estes dados com a frequência de prática desportiva, verificou-se que os rapazes que praticavam regularmente Desporto apresentaram invariavelmente valores mais elevados do que os que praticavam Desporto com menos frequência em todas as dimensões, sendo essas diferenças estatisticamente significativas nas dimensões Conexão, Confiança e Competência. De uma forma geral, verificou-se

que os valores dos rapazes incluídos no G3 eram superiores aos do G2 e estes, por sua vez, superiores aos do G1.

Quadro 1. Dimensões do DPJ em função da frequência de prática desportiva nos rapazes.

Dimensão	Prática desportiva	$M \pm DP$	ANOVA
Caráter	G1 (Nunca)	2.22 ± .59	$F_{(2,465)} = 3.29; p = .038$ G3 > G1 e G2
	G2 (Só às vezes)	2.25 ± .49	
	G3 (Regularmente)	2.36 ± .51	
	Total	2.31 ± .52	
Cuidado	G1 (Nunca)	1.92 ± .62	$F_{(2,463)} = 3.29; p = .038$ G3 > G1
	G2 (Só às vezes)	2.04 ± .59	
	G3 (Regularmente)	2.13 ± .63	
	Total	2.07 ± .62	
Conexão	G1 (Nunca)	1.89 ± .61	$F_{(2,465)} = 6.44; p = .002$ G2 e G3 > G1
	G2 (Só às vezes)	2.08 ± .56	
	G3 (Regularmente)	2.18 ± .59	
	Total	2.11 ± .59	
Confiança	G1 (Nunca)	2.42 ± .72	$F_{(2,465)} = 12.13; p < .001;$ G2 e G3 > G1 G3 > G2
	G2 (Só às vezes)	2.57 ± .54	
	G3 (Regularmente)	2.76 ± .54	
	Total	2.66 ± .58	
Competência	G1 (Nunca)	2.46 ± .65	$F_{(2,462)} = 28.67; p < .001$ G2 e G3 > G1 G3 > G2
	G2 (Só às vezes)	2.62 ± .52	
	G3 (Regularmente)	2.95 ± .55	
	Total	2.79 ± .59	

Como foi anteriormente referido, apesar de não termos encontrado investigações que tenham utilizado o modelo dos 5 C's e, conseqüentemente, não estarem disponíveis resultados passíveis de comparação direta com os deste estudo, o DPJ acaba por ser um construto aglutinador de vários outros que vêm sendo estudados, nomeadamente em contextos desportivos (e.g., satisfação com a vida, comportamentos de saúde, empatia, entre outros), estabelecendo uma ponte que permite a comparação dos resultados do presente estudo com outros.

Deste modo, os resultados parecem indiciar que, nos rapazes, a prática desportiva se relacionava positivamente com as várias dimensões de Desenvolvimento Positivo consideradas neste estudo. Esta constatação poderá, em nosso entender, estar relacionada com as representações da vida real destes jovens que o Desporto proporciona e que parece colocar em evidência as características do DPJ, sobretudo no que se prende com o autoconceito, visão positiva das próprias ações e vínculos positivos com pessoas e instituições.

Especificamente, os resultados da presente investigação parecem apontar no mesmo sentido dos resultados de outros estudos, nomeadamente aqueles que sugerem que a prática desportiva incrementa os valores do autoconceito global, competência física e aceitação social nos rapazes (e.g., Ebbeck & Gibbons, 1998). De igual forma, estes resultados também vão ao encontro do referido por outras investigações efetuadas em Portugal, nomeadamente a de Bernardo e Matos (2003), a qual verificou que, após integrar um programa desportivo, os rapazes apresentavam valores de autoestima mais elevados. Do mesmo modo, outras investigações realizadas em Portugal por Alves (2008), Esperança (2005), ou Paupério (2013) revelaram que os rapazes que praticavam mais Desporto apresentavam igualmente níveis mais elevados de satisfação com a vida.

Por outro lado, quando comparados os valores de DPJ das raparigas em função do grupo de prática desportiva, não foram encontradas diferenças significativas (ver quadro 2). Todavia, a análise dos valores médios evidenciou que, em três das cinco dimensões, designadamente no Caráter, Conexão e Competência, as raparigas que praticavam regularmente Desporto apresentavam valores mais elevados do que as que não praticavam ou praticavam ocasionalmente. Nas restantes dimensões (i.e., Cuidado e Confiança) o cenário foi relativamente distinto, embora a magnitude das diferenças entre os diferentes grupos tenha sido muito reduzida.

Quadro 2. Dimensões do DPJ em função da frequência de prática desportiva nas raparigas.

Dimensão	Prática desportiva	$M \pm DP$	ANOVA
Caráter	G1 (Nunca)	2.46 ± .45	$F_{(2, 426)} = 1.75; p = .174$
	G2 (Só às vezes)	2.48 ± .37	
	G3 (Regularmente)	2.55 ± .35	
	Total	2.5 ± .39	
Cuidado	G1 (Nunca)	2.3 ± .57	$F_{(2, 426)} = .06; p = .938$
	G2 (Só às vezes)	2.27 ± .58	
	G3 (Regularmente)	2.28 ± .55	
	Total	2.28 ± .56	
Conexão	G1 (Nunca)	2.13 ± .58	$F_{(2, 426)} = 1.40; p = .247$
	G2 (Só às vezes)	2.2 ± .52	
	G3 (Regularmente)	2.25 ± .57	
	Total	2.2 ± .56	
Confiança	G1 (Nunca)	2.64 ± .62	$F_{(2, 426)} = .48; p = .618$
	G2 (Só às vezes)	2.57 ± .63	
	G3 (Regularmente)	2.63 ± .59	
	Total	2.61 ± .61	
Competência	G1 (Nunca)	2.52 ± .56	$F_{(2, 425)} = 2.22; p = .11$
	G2 (Só às vezes)	2.54 ± .54	
	G3 (Regularmente)	2.65 ± .56	
	Total	2.57 ± .55	

A propósito destes resultados, parece-nos ser apropriado destacar a possibilidade de a prática desportiva ter diferente impacto nas raparigas e nos rapazes, concretamente no que concerne a questões que se prendem com a compreensão e empatia pelos outros (i.e., Cuidado) e com a identidade positiva e autoestima (i.e., Confiança). Por outro lado, importará sublinhar que, nas raparigas, não foram identificadas quaisquer diferenças estatisticamente significativas entres os três grupos nas cinco dimensões dos 5 C's e que em duas, o Cuidado e Confiança, as médias mais elevadas não corresponderam ao grupo com prática desportiva mais elevada. Ainda assim, permanece o facto de que o valor de DPJ global (i.e., soma das cinco dimensões) deste grupo foi

mais elevado do que o dos restantes grupos de prática desportiva e também superior aos valores dos rapazes.

Estes resultados são consistentes com os resultados de investigações anteriores (e.g., Lerner et al., 2005; Phelps et al., 2009) que compararam rapazes e raparigas em contextos não desportivos, concluindo que o resultado global do DPJ era mais elevado nas raparigas. Do mesmo modo, num estudo desenvolvido por Ebbeck e Gibbons (1998) as raparigas apresentavam valores baixos de autoestima, sendo que apenas atividades desportivas de carácter mais cooperativo pareciam poder aumentá-los.

A prática desportiva e o DPJ em diferentes grupos etários

Quando se compararam as dimensões de DPJ em função do nível de prática desportiva (quadro 3) nos dois grupos etários considerados verificou-se que em ambos os escalões, praticamente em todas as dimensões os valores mais elevados eram os dos jovens que praticavam regularmente Desporto. No escalão etário 12/13 anos encontraram-se diferenças estatisticamente significativas em duas das dimensões em estudo (i.e., Conexão, Competência). Os jovens que praticavam Desporto regularmente apresentavam valores de Competência significativamente superiores do que os que praticavam ocasionalmente ou não praticavam Desporto. No caso da Conexão, os jovens que não praticavam Desporto apresentavam valores significativamente inferiores quando comparados com os que praticavam ocasionalmente e com os que praticavam regularmente Desporto.

No que concerne ao escalão 14/15 anos, também se encontraram diferenças com significado estatístico em duas das dimensões (i.e., Confiança, Competência). Especificamente, os jovens que praticavam Desporto regularmente apresentavam valores significativamente superiores de Competência do que os que não praticavam

Desporto ou o faziam ocasionalmente, reportando ainda mais Confiança dos que os praticantes ocasionais.

Quadro 3. Dimensões do DPJ em função da frequência de prática desportiva dos jovens por idade.

Dimensão	Prática desportiva	12/13		14/15	
		<i>M ± DP</i>	ANOVA	<i>M ± DP</i>	ANOVA
Caráter	G1 (Nunca)	2.42 ± .53	$F_{(2,437)} = 1.52;$ $p = .22$	2.34 ± .5	$F_{(2,437)} = .12;$ $p = .89$
	G2 (Só às vezes)	2.41 ± .47		2.33 ± .43	
	G3 (Regularmente)	2.49 ± .46		2.36 ± .48	
	Total	2.45 ± .48		2.34 ± .46	
Cuidado	G1 (Nunca)	2.13 ± .61	$F_{(2,437)} = 2.24;$ $p = .11$	2.2 ± .61	$F_{(2,437)} = 1.88;$ $p = .16$
	G2 (Só às vezes)	2.3 ± .55		2.05 ± .61	
	G3 (Regularmente)	2.26 ± .62		2.11 ± .58	
	Total	2.24 ± .6		2.11 ± .6	
Conexão	G1 (Nunca)	2,08 ± .63	$F_{(2,437)} = 4.29;$ $p = .01;$ G2 e G3 > G1	2.02 ± .57	$F_{(2,437)} = 1.31;$ $p = .27$
	G2 (Só às vezes)	2.27 ± .58		2.04 ± .48	
	G3 (Regularmente)	2.29 ± .58		2.11 ± .56	
	Total	2.24 ± .6		2.07 ± .54	
Confiança	G1 (Nunca)	2.58 ± .7	$F_{(2,437)} = 2.76;$ $p = .07$	2.55 ± .62	$F_{(2,437)} = 5.6;$ $p = .004;$ G3 > G2
	G2 (Só às vezes)	2.69 ± .6		2.47 ± .56	
	G3 (Regularmente)	2.75 ± .57		2.67 ± .55	
	Total	2.7 ± .61		2.58 ± .57	
Competência	G1 (Nunca)	2.53 ± .61	$F_{(2,434)} = 10.23;$ $p < .001;$ G3 > G1 e G2	2.46 ± .57	$F_{(2,434)} = 23.52;$ $p < .001;$ G3 > G1 e G2
	G2 (Só às vezes)	2.68 ± .56		2.5 ± .49	
	G3 (Regularmente)	2.86 ± .62		2.82 ± .52	
	Total	2.74 ± .61		2.63 ± .54	

Os resultados da presente investigação estão em consonância com as sugestões de Fox (2001), que afirma que o exercício físico ajuda as pessoas a sentirem-se melhor consigo próprias e isso contribui para o seu bem-estar mental e, presumivelmente, para a sua qualidade de vida. Paralelamente, vão também ao encontro de alguns estudos realizados em Portugal (e.g., Correia, 2007; Nogueira, 2011; Regueiras, 2006), os quais,

apesar de não terem recorrido ao modelo dos 5 C's, sugeriram a importância de determinados programas desportivos no DPJ.

Por último, importará referir que, independentemente da frequência de prática desportiva, os valores das respostas dos alunos mais velhos (14-15 anos) eram invariavelmente menores do que os dos mais novos (12-13 anos). Por outras palavras os mais novos apresentavam um valor global de DPJ mais elevado do que os mais velhos.

De forma relacionada, Pavot e Diener (1993) constataram que, independentemente do nível de prática desportiva, os jovens tendem a apresentar valores mais baixos de satisfação com as suas vidas com o avançar da idade. Também em Portugal, Alves (2008) constatou que a satisfação dos jovens com as suas vidas ia diminuindo com o avançar da idade, e Corte-Real (2006) obteve idênticos resultados relativamente a alguns comportamentos saudáveis.

Daqui poderá eventualmente decorrer a possibilidade do envolvimento em contextos de prática desportiva, por si só, não ser o suficiente para compensar a eventual diminuição do valor global do desenvolvimento bem-sucedido dos jovens à medida que a idade avança, o que nos parece ser importante investigar futuramente. Nessa medida, é necessária uma maior clarificação do tipo de práticas desportivas que mais contribuem para o DPJ, indo ao encontro do que referiu Coakley (2011) sobre a necessidade de se proceder a mais pesquisas que identifiquem como o Desporto influencia o desenvolvimento da juventude, positiva e negativamente. No mesmo sentido, também Holt e Neely (2011) alertaram para os perigos de se aceitar que qualquer Desporto potencia o Desenvolvimento Positivo dos Jovens.

Apesar destes dados, é inegável que, no presente estudo, os jovens que praticavam Desporto mais regularmente, independentemente do sexo e idade, exibiam, de um modo geral, níveis mais elevados nas dimensões identificadas com o DPJ.

CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

Os resultados deste estudo indicaram, quanto à relação entre a prática de Desporto e o DPJ, que a primeira se parece constituir como um contexto que pode potenciar o segundo, porquanto, para além dos seus reconhecidos benefícios, parece relacionar-se positivamente com as cinco dimensões consideradas neste estudo para avaliar o desenvolvimento bem-sucedido dos jovens Portugueses.

Quando considerado especificamente o sexo, verificou-se que, nos rapazes, a prática desportiva se associava positivamente com todas as dimensões, tendo mesmo sido encontradas diferenças estatisticamente significativas em favor dos rapazes que praticavam Desporto regularmente. Ou seja, enquanto no caso dos rapazes uma maior prática desportiva parecia estar associada a maiores valores nas cinco dimensões, no caso das raparigas o mesmo não parecia ser totalmente verdade. Nessa medida, aparentemente, qualquer intervenção deste âmbito deverá prestar especial atenção às raparigas, o que, de resto, está em consonância com o alerta de Matos (2016) relativo ao facto de, um pouco por todo o mundo, as raparigas estarem a suscitar preocupações crescentes, uma vez que são mais propensas a relatarem saúde irregular, múltiplas queixas e menor satisfação com a vida.

Relativamente à idade, apesar de reportarem níveis semelhantes de prática desportiva, os jovens de ambos os sexos apresentavam um valor global de DPJ inferior no escalão etário 14/15 anos, o que se evidenciou mais no caso das raparigas. Face a isto, sugere-se que eventuais intervenções neste campo considerem a passagem da adolescência inicial para a adolescência média como fase fundamental uma vez que aparentemente constitui o ponto de charneira no que se refere aos 5 C's dos jovens Portugueses. Investigações futuras deverão assim adotar *designs* preferencialmente longitudinais, cobrindo uma maior e mais diversificada amostra, que integrem jovens na

fase final da adolescência e que considerem diferentes tipos e quantidade de prática desportiva, procurando perceber de que forma se relacionam com cada um dos 5 C's.

Conclusões

CONCLUSÕES

O desenvolvimento desta Tese dividiu-se fundamentalmente por três etapas. Numa primeira fase, fizemos uma revisão da literatura sobre o Desenvolvimento Positivo dos Jovens, procurando aprofundar o conhecimento acerca do que se tem investigado sobre esta temática, tanto em Portugal como internacionalmente. Com particular enfoque no trabalho realizado no DPJ em contextos desportivos, procurámos paralelamente investigar por que razão o Desporto é frequentemente apontado como um contexto de excelência neste campo.

Numa segunda fase, procedemos à validação de um instrumento passível de avaliar o DPJ dos jovens provenientes de países de expressão portuguesa.

Por fim, procurámos caracterizar o DPJ dos estudantes portugueses através de alguns dos parâmetros que têm sido associados com o DPJ e analisar a relação entre estes e os hábitos de prática desportiva dos jovens.

Para o efeito, foram efetuados quatro estudos dos quais tecemos as considerações que se seguem sobre algumas implicações para o campo da Psicologia do Desporto, muito particularmente no que concerne ao DPJ através de contextos desportivos:

O primeiro estudo foi dedicado a uma revisão da literatura procurando efetuar um levantamento do estado da arte no que se refere ao DPJ, com particular interesse na importância dos contextos desportivos nesta matéria. Este estudo permitiu, desde logo, perceber que o DPJ constitui-se como uma abordagem diferente que coloca o enfoque no desenvolvimento das capacidades dos jovens ao invés de procurar corrigir ou atenuar as suas supostas incapacidades. Tal estratégia deverá potenciar o desenvolvimento dos jovens permitindo atuar sobre as suas características positivas, encarando os jovens como recursos a gerir e não problemas a resolver (Damon, 2004). Esta diferente forma de

encarar o desenvolvimento dos jovens surgiu nos EUA, no final dos anos 90, e a sua investigação está hoje disseminada um pouco por todo o mundo, sobretudo em países de expressão inglesa.

Também em Portugal, por exemplo no domínio da Educação, assistimos a algumas mudanças curriculares, anunciadas para o próximo ano letivo, entre as quais a diminuição da carga horária das disciplinas de Português e de Matemática (disciplinas que colocam dificuldades generalizadas aos alunos portugueses). Aparentemente, a estratégia que vinha sendo seguida (aumentar os recursos disponibilizados para superar as dificuldades nessas matérias) não tem surtido o efeito necessário e poderá valer a pena canalizar alguns desses recursos para apostar noutras potencialidades dos jovens. Com efeito, está igualmente previsto o aumento da carga horária em disciplinas como a Música e a Educação Física. Interessa-nos particularmente a Educação Física e o Desporto porquanto, além dos reconhecidos benefícios que acrescenta à saúde, reveste-se, cada vez mais, como um contexto privilegiado para o Desenvolvimento Positivo dos Jovens. Contudo não se fique com a ideia de que o DPJ é um campo de atuação fácil e óbvio uma vez que a sua implementação requer profissionais devidamente formados e recursos adequados (Roth & Brooks-Gunn, 2003).

Ao consultar a literatura, ficou claro que a terminologia em volta do DPJ não reúne ainda uma consensualidade generalizada. Ainda assim, existem elementos transversais a todas as definições propostas para este construto e que se referem a todas as ações que têm em vista otimizar a relação entre as potencialidades dos jovens com os recursos necessários a um desenvolvimento de sucesso. Também nos confrontámos com várias propostas de modelos conceituais, que identificámos e descrevemos anteriormente, bem como constatámos que o modelo de DPJ mais proeminente e assente na maior robustez conceitual é o modelo dos 5 C's (i.e., Carácter, Competência,

Confiança, Cuidado e Conexão) proposto por Lerner et al. (2005). Adicionalmente, os mesmos autores desenvolveram também um instrumento de avaliação do seu modelo e, através do estudo das suas propriedades psicométricas, demonstraram a sua validade para avaliar o DPJ. Este modelo de avaliação proposto tem sido objeto de muito interesse por parte da comunidade científica procurando fazer face à falta de instrumentos passíveis de avaliar o DPJ, como vem sendo apontado na literatura especializada (e.g., Jones et al., 2011; Phelps et al., 2009).

Quando iniciámos esta investigação, esperávamos que existisse um maior consenso em volta dos modelos conceituais e de avaliação do DPJ porquanto abundam, na literatura, inúmeras referências a resultados positivos de vários projetos de intervenção deste âmbito. Contudo, a quase totalidade da investigação desenvolvida nesta área tem sido suportada por estudos de carácter essencialmente qualitativo os quais carecem de investigação complementar. Na expectativa de contribuir para a alteração deste cenário, procurámos encontrar uma ferramenta de avaliação que nos permitisse avaliar o DPJ dos jovens lusos porquanto era também nosso objetivo efetuar um “olhar” alargado a alguns parâmetros relativos aos nossos jovens antes de avançar para qualquer prática.

Face às constatações do estudo de revisão da literatura e aos objetivos que tínhamos presentes, o segundo estudo centrou-se na adaptação transcultural do questionário *Measure of PYD*, proveniente do modelo conceitual proposto por Lerner et al. (2005), seguida de uma análise às propriedades psicométricas da versão resultante. O principal objetivo foi o de procurar perceber se aquela seria uma ferramenta válida para avaliar o DPJ em jovens pertencentes ao espaço da lusofonia. A opção de proceder à adaptação de um instrumento existente ao invés de desenvolver um de raiz prendeu-se com o destaque que o *Measure of PYD* tem merecido nas investigações deste âmbito e

também com a expectativa de que os resultados provenientes do instrumento resultante pudessem ser comparados com outros provenientes da versão original. Para esta decisão também concorreu a sugestão dos próprios autores e também de outros (e.g., Phelps et al., 2009) para que se procedesse a análises à estrutura do *Measure of PYD*, nomeadamente em diferentes contextos e com diferentes amostras. À semelhança do que vem sendo habitual em estudos similares a este, foi adotada a metodologia proposta por Vallerand (1989) para proceder a uma rigorosa adaptação transcultural com a qualidade que o processo exige. Dos referidos procedimentos, resultou a versão portuguesa (i.e., o PYDp) à qual foi efetuada uma análise das suas propriedades psicométricas. No entanto, ao contrário do que seria expectável, os resultados do nosso estudo não acompanharam os excelentes resultados do estudo no qual os autores desenvolveram a versão original. Mais concretamente, a Análise Fatorial Confirmatória que foi conduzida, não apresentou valores satisfatórios para que pudessemos considerar o PYDp como um instrumento válido para avaliar o DPJ em países de expressão portuguesa. Estes resultados pareciam sugerir que o *Measure of PYD* não era o instrumento adequado para alcançar os objetivos a que nos tínhamos proposto. Contudo, os autores do referido questionário, procederam ao que designaram de aprimoramentos e que resultaram noutras versões deste instrumento de avaliação. As alterações sugeridas pelos autores do *Measure of PYD* e por Jones et al. (2011) sustentaram a nossa decisão de procurar efetuar idênticos procedimentos na versão portuguesa e daí resultou o PYDp/red. Moveu-nos a necessidade premente de se encontrarem instrumentos adequados para avaliar o DPJ, a sugestão dos próprios autores do *Measure of PYD* de encontrar alternativas ao instrumento original constituído por 78 itens o que, pela sua extensão, tem colocado dificuldades de preenchimento por parte de alguns jovens e, por fim, as vantagens que a literatura vem expondo sobre a elaboração de

versões mais reduzidas. Procurámos, então, desenvolver uma versão que incluísse apenas 6 itens por cada uma das cinco dimensões em análise porquanto este é um valor de referência quando está prevista a realização de posteriores análises fatoriais. Por sua vez, a escolha dos seis itens a incluir em cada dimensão baseou-se na investigação do estudo anterior, optando por analisar os valores de saturação de cada item e assim incluir os que melhor representavam cada uma das dimensões. Este processo deu origem ao questionário PYDp/red o qual, depois de realizado o estudo das suas propriedades psicométricas, permitiu concluir que se constituía como um instrumento válido que pode ser utilizado com segurança para avaliar o DPJ em países de expressão portuguesa.

Seguidamente, o terceiro estudo teve como objetivo analisar como se situam os jovens portugueses relativamente a alguns parâmetros que têm sido associados com o DPJ. De acordo com a literatura, a idade e o sexo dos jovens podem ser determinantes no DPJ pelo que estas variáveis foram consideradas. Através do recurso ao PYDp/red foi possível perceber que os jovens da nossa amostra parecem estar mais desenvolvidos nas questões que se prendem com a perceção de competência e menos desenvolvidos nas questões relativas à conexão. Com efeito, os jovens evidenciaram maior perceção de Competência e Confiança e menor perceção no que respeita ao cumprimento de regras e estabelecimento de vínculos positivos e empatia. Na verdade, estes resultados não se revelaram surpreendentes uma vez que estão em linha com investigações anteriores e porque vão de encontro ao que têm sido os testemunhos dos professores portugueses, um pouco por todos os fóruns de informação (Azevedo, 2016). Adicionalmente, seria expectável que os jovens se percecionassem competentes e confiantes o que, de resto, são características inerentes à juventude. Relativamente às dificuldades que parecem demonstrar em sentir empatia e em estabelecer vínculos positivos, esta encontra paralelo

no aumento da indisciplina, do *bullying* ou do abandono escolar, que vem sendo noticiado (Matos, 2016).

Este estudo também sugeriu que as raparigas apresentam resultados globais de DPJ mais elevados do que os rapazes e que os jovens mais novos apresentam resultados globais de DPJ mais elevados do que os mais velhos evidenciando que a fase final da puberdade carece de especial atenção. Estas constatações também vão ao encontro de anteriores investigações e sugerem que, no geral, as raparigas identificam-se mais com as características de sucesso do que os rapazes apesar de aparentemente se sentirem menos confiantes e competentes. Contudo, apesar de elas se percecionarem com um padrão de comportamentos mais correto, com maior capacidade de respeitar regras, de empatia e de estabelecer vínculos positivos, será que o seu sucesso estará a verificar-se na devida proporção? Será que a sociedade está efetivamente a promover iguais oportunidades para ambos os sexos? Esta é uma questão que merecerá certamente uma reflexão aprofundada uma vez que as características que identificam os jovens de sucesso podem não ser exatamente as mesmas para ambos os sexos. Por outro lado, verificar que os jovens mais velhos apresentavam invariavelmente resultados de DPJ inferiores não deixa de ser curioso, tanto mais que foi na fase final da puberdade que se verificaram os resultados mais baixos sugerindo preocupações acrescidas nesta fase e na entrada na adultez.

O último estudo, teve como objetivo analisar a relação entre o DPJ e a prática desportiva dos jovens em Portugal. Em conformidade, recorreremos ao PYDp/red para avaliar as cinco dimensões que têm sido associadas ao DPJ e foram constituídos três grupos de jovens em função do seu nível de prática desportiva tendo sido também consideradas as variáveis sexo e idade. Os resultados evidenciaram que a prática desportiva parece relacionar-se de uma forma positiva com as cinco dimensões do DPJ

abordadas, o que está em linha com investigações anteriores. Em conformidade com as nossas expectativas, os resultados deste estudo sugerem que o Desporto é efetivamente um contexto de relevo e promotor das características do DPJ. Adicionalmente, os resultados sugerem também que esta relação é mais forte nos jovens do sexo masculino contudo poderá ser pertinente em futuros estudos considerar-se o aprofundamento do tipo de prática desportiva. Com efeito, se por um lado, um Desporto de carácter competitivo poderá evidenciar as características positivas dos rapazes, por outro, poderá inibir as mesmas no caso das raparigas. O cenário contrário poderá também verificar-se numa prática desportiva que coloque em evidência, por exemplo, a capacidade de cooperação. Ainda de acordo com os resultados deste estudo, a relação entre a prática desportiva e o DPJ é aparentemente mais forte nos mais novos o que parece sugerir que independentemente dos índices de prática desportiva os mais velhos tenderão a apresentar resultados inferiores de DPJ. Cenário idêntico ocorria no estudo anterior e sugere que a prática desportiva por si só pode não ser suficiente para alterar o facto do DPJ dos jovens na fase final da puberdade ser menor. É certamente necessária uma reflexão mais aprofundada acerca do tipo, da frequência, número de horas e de outros aspetos relacionados com a prática desportiva dos jovens nestes escalões etários.

Concluída esta investigação que compreende os quatro estudos anteriormente descritos, fica o registo da relevância deste campo de investigação bem como da pertinência do Desporto enquanto promotor do desenvolvimento bem-sucedido dos jovens. O DPJ através do Desporto é uma área de investigação em franca expansão, muito promissora e na qual existem ainda muitas carências de investigação.

Assim, sugere-se que se proceda a investigação adicional, mais concretamente no que respeita aos instrumentos de avaliação, para que se possa caracterizar detalhadamente o DPJ dos jovens lusos. Em investigação futura sobre a temática do

DPJ deverão considerar-se algumas variáveis que influenciam os resultados, tais como a idade e o sexo, como ficou patente nesta investigação mas também outras variáveis sociodemográficas e psicossociais.

Sugere-se ainda a elaboração de uma *baseline* de resultados referentes ao DPJ no espaço da lusofonia para que futuramente se possa acompanhar o desenvolvimento dos jovens nas diferentes dimensões e também comparar esse desenvolvimento com o dos jovens provenientes de outras realidades geográficas permitindo perceber qual a necessidade de se proceder a um maior ou menor investimento nas ações deste campo e quais as dimensões a privilegiar. Deste modo, investigações futuras devem adotar *designs* preferencialmente longitudinais, que integrem jovens na fase final da puberdade e que considerem diferentes tipos de prática desportiva, procurando perceber de que forma se relacionam com cada um dos 5 C's.

Por fim, sugere-se que se procedam a estudos de carácter investigação-ação nos quais venha a ser aplicada uma metodologia mista (i.e., qualitativa e quantitativa) complementando a informação tendo em vista promover uma linha de investigação e de intervenção para melhor identificar quais as áreas em que mais deverão incidir as intervenções deste âmbito.

Referências bibliográficas

- Alves, R. (2008). *O bem-estar subjectivo e a prática desportiva em adolescentes da região autónoma da Madeira*. Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Desporto, Universidade do Porto, Portugal.
- Antunes, C., Sousa, M. C., Carvalho, A., Costa, M., Raimundo, F., Lemos, E., ... Andrade, A. (2006). Autoestima e comportamentos de saúde e de risco no adolescente: efeitos diferenciais em alunos do 7º ao 10º ano. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 7, 117-123.
- Arnold, E., Nott, D., & Meinhold, L. (2012). *The Positive Youth Development Inventory Full Version*. Manuscrito não publicado. Oregon State University.
- Azevedo, J. (2016). *As motivações a preocupações dos professores*. Apresentação dos resultados de um inquérito. Fundação Manuel Leão.
- Balaguer, I., & Castillo, I. (2002). Actividad física, ejercicio físico y deporte en la adolescencia temprana. In I. Balaguer (Ed.), *Estilos de vida en la adolescência*, 37-64. Valencia: Promolibro.
- Benson, P. L. (2006). The science of child and adolescent spiritual development: Definitional, theoretical and field-building challenges. In E. C. Roehlkepartain, P. E. King, L. Wagner, & p. l. Benson (Eds.), *The handbook of spiritual development in childhood and adolescence*, 484-497. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Benson, P. L., Leffert, N., Scales, P. C., & Blyth, D. A. (1998). Beyond the 'village' rhetoric: creating healthy communities for children and adolescents. *Applied Developmental Science*, 2(3), 138-159.
- Benson, P. L., Scales, P. C., Hamilton, S. F., & Semsal, A., Jr. (2006). *Positive youth development: Theory, research, and applications*. In R. M. Lerner (Ed.). Theoretical models of human development. Volume 1 of Handbook of Child

- Psychology (6th ed.). Editors-in-chief: W. Damon & R. M. Lerner. Hoboken, NJ: Wiley.
- Bernardo, R., & Matos, M. (2003). Desporto aventura e auto-estima nos adolescentes, em meio escolar. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 3(1), 33-46.
- Bers, M. (2012). *Designing Digital Experiences for Positive Youth Development: From playpen to playground*. Oxford University Press.
- Byrne, B. M. (2001). *Structural Equation Modeling with AMOS: Basic Concepts, Applications, and Programming*. Lawrence Erlbaum Associates, Inc.
- Brustad, R. J., & Parker, M. A. (2005). *Enhancing positive youth development through sport and physical activity*. *Psychologica*, 39, 75-93.
- Camiré, M. (2014). *Youth development in North American high school sport: Review and recommendations*. *Quest*, 66, 495-511.
- Collaborative for Academic, Social, and Emotional Learning. (2011). *What is social and emotional learning (SEL)?* Consultado em <http://casel.org/why-it-matters/what-is-sel/>.
- Catalano, R. F., Berglund, M. L., Ryan, J. A. M., Lonczak, H. S., & Hawkins, J. D. (1999). *Positive youth development in the United States: Research findings on evaluations of youth development programs*. Seattle: University of Washington, School of Social Work, Social Development Research Group.
- Coakley, J. (2011). Youth sports: What counts as “positive development?” *Journal of Sport & Social Issues*, 35(3), 306-324.
- Correia, S. (2007). *O desenvolvimento da responsabilidade pessoal e social, em crianças e jovens em risco de insucesso escolar, através de um programa desportivo: Um estudo na Escola EB 2º e 3º ciclos de Paços de Brandão*. Dissertação de mestrado, Faculdade de Desporto, Universidade do Porto, Portugal.

- Corte-Real, N. (2006). *Desporto, saúde e estilos de vida, diferentes olhares, objetivos e subjetivos, sobre os comportamentos dos adolescentes*. Dissertação de doutoramento, Faculdade de Desporto, Universidade do Porto, Portugal.
- Comrey, A. L., & Lee, H. B. (1992). *A first course in factor analysis*. Hillsdale, NJ: LEA. Do`s, Dont`s, and How-To`s of Factor Analysis 26.
- Conway, R. J., Heary, C., & Hogan, M. J. (2015). An evaluation of the measurement properties of the five Cs model of positive youth development. *Frontiers in Psychology*, 6, 1-13.
- Crocker, L., Algina, J. (1986). *Introduction to Classical and Modern Test Theory*. Holt, Rinehart and Winston, Inc. Fort Worth.
- Damon, W. (2004). What is positive youth development? *The Annals of the American Academy of Political Social Science*, 591, 13-24.
- Damon, W., & Lerner, R. M. (2006). *Handbook of Child Psychology* (6th ed.). Hoboken, NJ: John Wiley & Sons.
- DiSibio, R. A. (2001). There's More to Teaching than Teaching. *Education*, 101 (3), 210 - 213.
- Ebbeck, V., & Gibbons, S. L. (1998). The effect of a team building program on the self-conceptions of grade 6 and 7 physical education students. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 20, 300-310.
- Eccles, J. S., & Gootman, J. A. (Eds.). (2002). *Community Programs to Promote Youth Development/Committee on Community-Level Programs for Youth*. Washington DC: National Academy Press.
- Esperança, J. (2005). *Atividade física, comportamentos de saúde e satisfação com a vida: Estudo realizado em jovens com necessidades educativas especiais de várias*

- escolas do país*. Dissertação de mestrado, Faculdade de Desporto, Universidade do Porto, Portugal.
- Esperança, J., Brustad, R., & Fonseca, A. (2016, no prelo). Desenvolvimento e validação da versão reduzida do questionário PYDp para a avaliação do Desenvolvimento Positivo dos Jovens nos países do espaço lusófono.
- Feliciano, I., & Afonso, R. (2012). Estudo sobre auto-estima em adolescentes dos 12 aos 17 anos. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 13(2), 252-265.
- Fox, K. (2001). The effects of exercise on self-perceptions and self-esteem. In S. J. H. Biddle, K. R. Fox, & Boutcher, S. H. (Eds.), *Physical activity and psychological well-being*, 5, 88-117. London: Routledge.
- Gorsuch, R. L. (1983). *Factor Analysis* (2nd ed.). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Gorsuch, R. L. (2003). Factor analysis. In I. B. Weiner (Series Ed.), J. A. Schinka & W. F. Velicer (Vol. Eds.), *Handbook of psychology. Research methods in psychology*, 2, 143-164. Hoboken, NJ: Wiley.
- Harter, S. (1983). *Supplementary description of the Self-Perception Profile for Children: Revision of the Perceived Competence Scale for Children*. Unpublished manuscript, University of Denver.
- Harter, S. (1999). *The construction of the self: A developmental perspective*. New York: Guilford Press.
- Harter, S. (2003). The development of self-representation during childhood and adolescence. In M. R. Leary & J. P. Tangney (Eds.), *Handbook of self and identity*. New York: The Guilford Press.

- Hansen, D. M., & Larson, R. (2005). *The Youth Experience Survey 2.0: Instrument revisions and validity testing*. Disponível em <http://youthdev.illinois.edu/wp-content/uploads/2013/11/YES-2.0-Instrument.pdf>
- Hellison, D. (1995). *Teaching responsibility through physical activity*. Champaign, IL: Human Kinetics.
- Hellison, D. (2003). *Teaching responsibility through physical activity* (2nd ed.). Champaign, IL: Human Kinetics.
- Hellison D, Martinek T (2006). Social and individual responsibility programs. In D Kirk, M O'Sullivan, D MacDonald (Eds.), *Handbook of research in physical education*. London, England: Sage.
- Hernández, L. (2009). Características psicométricas de la versión corta de l prueba para evaluar rasgos psicologicos en deportistas PAR P1-R. *Cuadernos de Psicología del Deporte*, 9(1), 21-38.
- Holt, N. L. (2008). *Positive youth development through sport*. London: Routledge.
- Holt, N. L., & Neely, K. C. (2011). Positive youth development through sport: A review. *Revista Iberoamericana de Psicología del Ejercicio y el Deporte*, 6(2), 299-316.
- Hu, L. & Bentler, P. (1999). Cutoff criteria for fit indices in covariance structure analysis: conventional criteria versus new alternatives. *Structural Equation Modeling*, 6, 1-55.
- Jones, M.I., Dunn, J.G.H., Holt, N.L., Sullivan, P.J., & Bloom, G.A. (2011). Exploring the '5Cs' of positive youth development in sport. *Journal of Sport Behavior*, 34 (3), 250-267.
- Klein, D., Sabaratnam, P., Auerbach, M. M., Smith, S. M., Kodjo, C., Lewis, K., ... Dandino, C.(2006). Development and factor structure of a brief instrument to assess

- the impact of community programs on positive youth development: The Rochester Evaluation of Asset Development for Youth (READY) tool. *Journal of Adolescent Health, 39*(2), 252–260.
- Larson, R. M., & Verma, S. (1999). How children and adolescents spend time across cultural settings of the world: Work, play and developmental opportunities. *Psychological Bulletin, 125*, 701–736.
- Lee, O., & Martinek, T. (2009). Navigating two cultures: An investigation of cultures of a responsibility-based physical activity program and school. *Research Quarterly for Exercise and Sport, 80*, 230-240.
- Lerner, R. M. (2004). *Liberty: Thriving and civic engagement among American youth*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Lerner, J.V., Bowers, E.P., Minor, K., Boyd, M.J., Mueller, M.K., Schmid, K.L., Napolitano, C.M., Lewin-Bizan, S., & Lerner, R.M. (2013). Positive youth development: Processes, philosophies, and programs. In R.M. Lerner, M.A., Easterbrooks, & J. Mistry (Eds.), *Handbook of Psychology, 6*(2), 365-392.
- Lerner, R. M., Fisher, C. B., & Weinberg, R. A. (2000). Toward a science for and of the people: Promoting civil society through the application of developmental science. *Child Development, 71*, 11–20.
- Lerner, R. M., Lerner, J. V., Almerigi, J., Theokas, C., Phelps, E., Gestsdottir, S. Naudeau, S., ... von Eye, A. (2005). Positive youth development, participation in community youth development programs, and community contributions of fifth grade adolescents: Findings from the first wave of the 4-H study of positive youth development. *Journal of Early Adolescence, 25*(1), 17-71.
- Lerner J. V., Phelps E., Forman Y., Bowers E. P. (2009). Positive youth development, in, *Handbook of Adolescent Psychology: Vol 1. Individual Bases of Adolescent*

- Development* 3rd Edn., eds Lerner R. M., Steinberg L., editors. (Hoboken, NJ: Wiley;), 524–558.
- Lerner, R. M., Von Eye, A., Lerner, J. V., Lewin-Bizan, S., & Bowers, E. P. (2010). Special Issue Introduction: The Meaning and Measurement of Thriving: A View of the Issues. *Journal of Youth Adolescence*, 39, 707-719.
- Marsh, H. W. (1989). Age and sex effects in multiple dimensions of self-concept: Preadolescence to early adulthood. *Journal of Educational Psychology*, 81, 417-430.
- Marsh, H. W., Martin, A. J. & Jackson, S. (2010). Introducing A short version of the Physical Self Description Questionnaire: New strategies, short-form evaluative criteria, and applications of factor analyses. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 32, 438-482.
- Martinek, T. J., & Ruiz, L. M. (2005). Promoting Positive Youth Development Through a Values-Based Sport Program. *Revista Internacional de Ciencias del Deporte* (1), 1-13.
- Matos, M. (2016, Março 15). *Os adolescentes portugueses têm um problema com a escola. E tem piorado.* Jornal Público. Disponível em <https://www.publico.pt/sociedade/noticia/os-adolescentes-portugueses-tem-um-problema-com-a-escola-e-tem-piorado-1726154>.
- McMullin, J. A., & Cairney, J. (2004). Self-esteem and the intersection of age, class, and gender. *Journal of Aging Studies*, 18, 75–90.
- Moraes, M., Corte-Real, N., Dias, C., & Fonseca, A. M. (2009). *Satisfação com a vida, exercício físico e consumo de tabaco em adolescentes de diferentes áreas geográficas de Portugal.* *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 30(2), 137-149.
- National Research Council and Institute of Medicine (2002) *Community programs to promote youth development* (Washington, National Academy Press).

- Nogueira, H. (2011). *O Modelo de Desenvolvimento da Responsabilidade Pessoal e Social em Lares Especializados de Infância e Juventude*. Porto: H. Nogueira. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- O'Beaglaioich, C., Sarma, K., & Morrison, T.G. (2013). New directions in gender role conflict research. In J. Gelfer (Ed.), *Masculinities in a global era* (pp. 17-51). New York: Springer.
- Paupério, T. (2013). *Desporto, estilos de vida e satisfação com a vida dos adolescentes: Um estudo realizado em diferentes contextos com alunos do 3º Ciclo do Ensino Básico*. Tese de Doutoramento, Faculdade de Desporto, Universidade do Porto, Portugal.
- Paupério, T., Corte-Real, N., Dias, C., Corredeira, R., & Fonseca A. M. (2012). *Sport, consumption of licit and satisfaction with life: What relationship? A study in adolescents attending the 3rd cycle of Basic Education in Portugal*. *European Journal of Sport Science*, 12(1).
- Pavot, W., Diener, E. (1993). Review of the Satisfaction With Life Scale. *Psychological Assessment*, 5(2), 164-172.
- Phelps, E., Zimmerman, S., Warren, A. E. A., Jelicic, H., von Eye, A., & Lerner, R. M. (2009). The structure and developmental course of Positive Youth Development (PYD) in early adolescence: Implications for theory and practice. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 30, 571-584.
- Pittman, K., Irby, M. and Ferber, T. (2001). Unfinished business: Further reflections on a decade of promoting youth development. In P.L. Benson and K.J. Pittman (Eds.), *Trends in youth development: Visions, realities and challenges*. Norwell, MA: Kluwer Academic Publishers.

- Regueiras, M. (2006). *Desenvolvimento da responsabilidade pessoal e social de jovens em risco através do desporto: Será possível?* Dissertação de mestrado, Faculdade de Desporto, Universidade do Porto, Portugal.
- Restuccia, D., e Bundy, A. (2003). *Positive Youth Development: A Literature Review* (Memo): Rhode Island KIDS COUNT.
- Roth, J. L., & Brooks-Gunn, J. (2003). What exactly is a youth development program? Answers from research and practice. *Applied Developmental Science*, 7, 94-111.
- Roth, J. L., Brooks-Gunn, J., Murray, L., & Foster, W. (1998). *Promoting healthy adolescents: Synthesis of youth development program evaluations*. *Journal of Research on Adolescence*, 8, 423-459.
- Small, S. A., & Rodgers, K. B. (1995). Teen Assessment Project (TAP) Survey Question Bank. Madison: University of Wisconsin-Madison.
- Shek, D. T. L., Sun, R. C. F., & Ma, M. S. (2014). *Chinese adolescents in Hong Kong: Family life, psychological well-being and risk behavior*. Singapore: Springer.
- Silbereisen, R. K., & Lerner, R. M. (2007). *Approaches to positive youth development*. London, UK: Sage.
- Tanaka, J.S. (1993). Multifaceted conceptions of fit in structural equation models. In K.A. Bollen, & J.S. Long (eds.), *Testing structural equation models*. Newbury Park, CA: Sage.
- Thompson, B. (2004). *Exploratory and confirmatory factor analysis*. Washington, DC: American Psychological Association.
- Velicer, W.F., & Fava, J. L. (1998). Effects of variable and subject sampling on factor pattern recovery. *Psychological Methods*, 3, 231-251.

- Weiss, R., Bolter, D, & Kipp, E. (2014). Assessing the impact of physical activity-based youth development programs: Validation of the Life Skills Transfer Survey (LSTS). *Research Quarterly for Exercise and Sport*, 85(3), 263-278.
- Weissberg, R., & O'Brien, M. (2004). What works in school-based social and emotional learning programs for positive youth development. *Annals of the American Academy of Political and Social Science*, 591, 86–97.
- Wright, P. M., & Li, W. (2009). Exploring the relevance of positive youth development in urban physical education. *Physical Education & Sport Pedagogy*, 14, 241-251.

Anexos

Um olhar sobre o desenvolvimento positivo dos jovens através do desporto

Jorge Manuel Esperança*, Maria Leonor Regueiras*, Robert John Brustad** e António Manuel Fonseca*

A LOOK AT POSITIVE YOUTH DEVELOPMENT THROUGH THE SPORT

KEY WORDS: Positive development, Sport, Youth, Programmes, Evaluation.

ABSTRACT: This article is based on the recognition of the importance of Positive Youth Development (PYD) as a concept, while also highlighting its still relatively scarce dissemination and application in sporting contexts, particularly in Portuguese-speaking countries. In this sense, seeking to promote its dissemination and to suggest possible research and intervention in this field, an analysis was conducted of what has been published on the subject in major international sporting science and social psychology journals, in relation to four key issues: i) how the DPJ movement began ii) the PYD movement in Sport iii) major PYD programmes in Sport, and iv) how to evaluate the impact of PYD programmes in Sport. Basically, what emerges from this analysis is the fact that while PYD shares some principles and objectives in common with Positive Psychology, it is an independent movement that is potentially very useful in the development of young people, particularly in sporting contexts. Moreover, over the past years, there has been a noticeable increase in the number of programmes in this field that have achieved promising results, although more robust sophisticated methodologies and instruments must be developed to assess its real impact on the development of young people as well as helping to offer a better insight into the mechanisms through which PYD is processed.

Os últimos anos têm vindo a consagrar ao Desenvolvimento Positivo dos Jovens (DPJ) crescente importância no domínio da investigação e da intervenção com crianças e jovens. Consistindo essencialmente num conjunto de estratégias que visa alinhar as potencialidades dos jovens com os recursos necessários à sua transição para uma vida adulta bem-sucedida (Damon, 2004; Lerner et al., 2005; Martinek & Ruiz, 2005; Restuccia & Bundy, 2003), o DPJ privilegia a identificação e orientação dessas potencialidades para uma vida de sucessos e de contribuições para os próprios e para as suas comunidades, através de intervenções devidamente estruturadas para o efeito.

Neste contexto, não só a literatura tem vindo a enfatizar o enorme potencial do Desporto enquanto conjuntura singular para se obter sucesso através de intervenções que visem o DPJ, como as evidências disponíveis têm fornecido suporte nesse sentido. Na verdade, vários programas adoptando uma estrutura consonante com os princípios do DPJ (i.e., objectivos, ambiente e atividades positivos) em contextos desportivos têm sido aplicados, sendo os resultados animadores (e.g., Hellison, 2003; Hellison & Martinek, 2006; Lee & Martinek, 2009).

Ainda assim, importará recordar que, independentemente da sua aparente simplicidade e dos resultados promissores, a aplicação de qualquer programa de intervenção implica a existência de recursos adequados (Martinek, 2005; Roth & Brooks-Gunn, 2003), devendo a sua prescrição decorrer de correspondente verificação do sucesso de anteriores aplicações em que tenham sido analisados e avaliados os seus efeitos. Nessa

medida, é de destacar o alerta de Lerner, Von Eye, Lerner, Lewin-Bizan & Bowers (2010) sobre a necessidade de se aprofundar o conhecimento atualmente existente neste domínio, no sentido de perceber o significado e a mensuração do sucesso na adolescência.

Em conformidade, este artigo centra-se no que tem vindo a ser publicado sobre esta temática, designadamente em relação a contextos de natureza desportiva, procurando contribuir não só para o aprofundamento do conhecimento neste domínio, mas também para a promoção da sua aplicação e disseminação, designadamente nos países de língua portuguesa, onde é ainda particularmente escassa a sua aplicação.

Da análise da literatura disponível, desde as primeiras referências ao conceito até à fase actual da investigação realizada sobre instrumentos que permitam avaliar de forma inequívoca os efeitos das intervenções neste campo, emergiram as quatro secções principais em que se estrutura este artigo: i) Como se iniciou o movimento DPJ; ii) O movimento DPJ no Desporto; iii) Principais programas de DPJ no Desporto; iv) Como avaliar o impacto dos programas de DPJ no Desporto.

Como se iniciou o movimento DPJ

O discurso de Martin Seligman proferido em 1998, na sua tomada de posse como presidente da *American Psychological Association*, posteriormente publicado no número de Julho de 1999 do *American Psychologist*, ficará para sempre associado ao

Correspondência: Jorge Manuel Esperança, CIPVD, Faculdade de Desporto, Universidade do Porto, Rua Dr. Ricardo Costa, 61, 4200-160 Porto, Portugal. jesperman@ua.pt

* CIPVD, Faculdade de Desporto, Universidade do Porto, Portugal.

** School of Sport and Exercise Science, University of Northern Colorado, USA.

— Artigo invitado com revisão

advento da Psicologia Positiva, a qual exibe afinidades com o DPJ, porquanto em ambos os casos a ênfase é essencialmente colocada nos pontos fortes em detrimento dos pontos menos fortes dos indivíduos.

Na verdade, o DPJ tem-se revelado desde o início como um promissor campo de investigação e de intervenção no sentido da promoção do desenvolvimento dos jovens, constituindo-se como uma alternativa às intervenções sustentadas na teoria do *deficit* que visavam corrigir supostas incapacidades (Brustad & Parker, 2005; Damon, 2004; Lerner et al., 2005).

Ainda assim, as origens da perspectiva protagonizada pelo DPJ não se fundam na Psicologia Positiva, sendo-lhe bem anteriores e alicerçando-se em contribuições provenientes da psicologia, mas também da biologia, orientadas para o estudo da plasticidade dos processos de desenvolvimento que decorrem da fusão dos níveis biológicos e contextuais das organizações (para mais detalhes, ver Lerner et al., 2005).

Concomitantemente, na base do DPJ está a assunção, igualmente defendida por Lerner et al. (2005), de que, devido à interação existente entre o indivíduo e o meio (i.e., plasticidade) e à enorme capacidade de adaptação dos jovens, sobretudo na segunda década das suas vidas, as suas trajetórias não estão

definidas aprioristicamente. Ou seja, todos os jovens, incluindo os que se considera estarem “em risco”, possuem talentos, capacidades e interesses que lhes conferem o potencial necessário para um futuro positivo (Damon, 2004). Esta nova perspectiva, amplamente explanada na literatura (e.g., Benson, 2006; Damon, 2004; Lerner et al., 2005; Lerner, Phelps, Forman & Bowers, 2009), vem dominando as abordagens ao desenvolvimento dos jovens, encorajando-os como recursos a desenvolver e não como problemas a gerir (Damon, 2004; Lerner et al., 2005; Roth & Brooks-Gunn, 2003).

Da análise das revisões efetuadas à literatura referente ao desenvolvimento positivo dos jovens (e.g., Eccles & Gootman, 2002; Lerner, 2004; Roth & Brooks-Gunn, 2003), resulta que a base teórica mais consensual e que vem sustentando esta abordagem assenta, atualmente, em dois pressupostos fundamentais:

i) A estrutura do DPJ congrega 5 características fundamentais, conhecidas na literatura pelos 5C: “Competência”, “Confiança”, “Conexão”, “Carácter” e “Cuidado e atenção” (Eccles & Gootman, 2002; Lerner et al., 2005; Roth & Brooks-Gunn, 2003) (ver Tabela 1);

Características (C)	Definição
Competência	Visão positiva das próprias ações em áreas específicas tais como: social, académica, cognitiva e vocacional. Competência social contém competências interpessoais, i.e., resolução de conflitos. Competência cognitiva abrange as habilidades cognitivas como seja tomada de decisões. Na competência académica podem considera-se classificações escolares, assiduidade às aulas e notas de testes. Competência vocacional envolve hábitos de trabalho e exploração de escolhas referentes à carreira futura.
Confiança	Sentido interior positivo global em relação à autoestima e à autoeficácia. Trata-se de uma visão global de si próprio, em contraste com crenças em domínios específicos.
Conexão	Laços positivos com pessoas ou instituições que se refletem em intercâmbios nos dois sentidos – entre o indivíduo e os seus pares, a família, a escola e a comunidade onde ambas as partes contribuem para a relação.
Carácter	Respeito pelas regras e cultura sociais. Possuir padrões de comportamento corretos, sentido do bem e do mal (moralidade) e integridade. Cuidado e atenção Sentido de compreensão e de empatia em relação aos outros.

Tabela 1. As 5C (adaptado de Lerner et al., 2005; Roth & Brooks-Gunn, 2003).

ii) O DPJ ocorre sobretudo nos contextos chave dos jovens (i.e., casa, escola e comunidade), desde que as suas potencialidades estejam alinhadas com os recursos necessários ao seu sucesso (Lerner, 2004; Lerner et al., 2005).

Adicionalmente, está implícito no primeiro pressuposto que, ao desenvolverem essas 5 características, os jovens estão no caminho do desenvolvimento de uma 6ª característica fundamental (i.e., Contribuições, para o próprio, para a família e

para a comunidade) através da qual se pode mensurar o DPJ (Lerner et al., 2005). Este pressuposto sugere também que as intervenções promotoras do desenvolvimento de comportamentos desejados, que constitem o DPJ, concorrem para a diminuição de comportamentos de risco (e.g., delinquência, consumo de drogas, violência, abandono escolar).

Decorre do segundo pressuposto que, em todas as estruturas onde ocorre o desenvolvimento humano (famílias, escolas e

comunidades), existem características e recursos que suportam o crescimento saudável dos jovens (Benson, Scales, Hamilton & Sesma, 2006), podendo esses recursos assumir várias formas (e.g., pessoas, programas, características do meio), pelo que é necessário um vasto e profundo conhecimento dos mesmos para prescrever qualquer intervenção. Também está implícito no segundo pressuposto que as potencialidades dos jovens estão relacionadas com as suas expectativas de futuro e com a capacidade de auto-regulação no que diz respeito à seleção, optimização e compensação (Lerner et al., 2005).

Os resultados das investigações neste campo, embora continuem a sublinhar a necessidade de ser desenvolvida mais pesquisa que permita aumentar a compreensão acerca do modo como se desenvolve mas também sobre como melhor avaliar o DPJ, têm contribuído sobremaneira para a clarificação das vantagens desta abordagem com os jovens (Lerner et al., 2010).

Neste contexto, couvirá destacar o estudo pioneiro desenvolvido por Lerner e colaboradores (2005), na senda dos tradicionais programas americanos *4-H* (i.e., de atividades extracurriculares para os jovens desenvolverem em pleno o seu potencial), no qual os autores propuseram a composição do DPJ por 5 características, já aqui referidas, a par de um modelo de conceptualização teórica do DPJ, como se apresenta na Figura 1.

Decorre, portanto, do anteriormente exposto que, contrariando a clássica abordagem baseada no paradigma de que as intervenções dirigidas aos jovens se devem centrar nas suas incapacidades implícitas ou explícitas e tentar corrigi-las, a nova perspectiva de que se reveste o DPJ aponta para o desenvolvimento do potencial dos jovens através de intervenções específicas que não visem apenas a prevenção e eliminação de comportamentos de risco mas que essencialmente promovam o desenvolvimento de comportamentos saudáveis ou de sucesso que a literatura define como "SC".

O movimento DPJ no Desporto

O progressivo aumento, ao longo dos últimos anos, dos índices de inatividade física e de sedentarismo, bem como os inúmeros e graves problemas de saúde que lhe estão associados, especialmente preocupante no que aos jovens diz respeito, tem vindo a acentuar naturalmente a importância atribuída à prática de atividade física e desportiva por parte das populações em geral e dos jovens em particular. Com efeito, já em 1999, Larson e Verma estimaram que os jovens utilizavam metade do tempo que passavam acordados em atividades de lazer, sendo que grande parte desse tempo acontecia em frente à televisão, ao invés de ser utilizado em atividades de qualidade capazes de promover o seu desenvolvimento harmonioso e simultaneamente prevenir o aparecimento de problemas de comportamento, como sugerido, por exemplo, por Eccles & Gootman (2002). E, infelizmente, desde então, o panorama não só não se tem vindo a alterar como se tem mesmo agravado.

Nesse sentido, a opção pelo desenvolvimento de programas de intervenção que visem o DPJ através da realização de atividades desportivas permite a consecução do duplo objectivo de procurar educar os jovens para a cidadania e promover a aquisição de hábitos de vida saudáveis que, de acordo com as evidências disponíveis, tendem a manter-se na idade adulta. Mais, se consideramos que, para além do seu inquestionável valor enquanto promotor de saúde física, mental e social e da capacidade funcional e bem-estar de indivíduos e comunidades, o Desporto pode igualmente potenciar o DPJ, certamente concordaremos em que será uma enorme falta de oportunidade desperdiçar a possibilidade de realizar intervenções neste domínio.

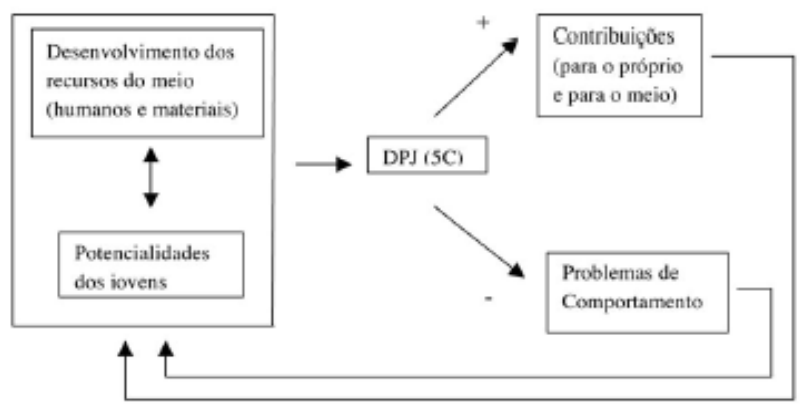


Figura 1. Modelo teórico de DPJ (adaptado de Lerner et al., 2005).

Sendo cada vez mais evidente que os adultos da sociedade contemporânea estão frequentemente preocupados com os jovens (Restuccia & Bundy, 2003), esta nova perspectiva adoptada para o DPJ apresenta-se como uma promissora forma de actuar sobre o desenvolvimento da juventude, tendo vindo a ser perfilhada em diversos contextos. De facto, apesar de as bases deste novo tipo de abordagem permitirem a sua implementação em praticamente qualquer tipo de modelo de programa, são os programas de orientação, das artes, de serviço comunitário e de apoio académico estão entre aqueles que trabalham mais frequentemente sob uma estrutura do DPJ (DiSibio, 2001).

Todavia, o Desporto apresenta um conjunto de virtualidades que atraem e mantêm a fidelidade dos alunos de uma forma mais constante do que o verificado noutras actividades, podendo igualmente veicular a transmissão de valores de uma forma significativa e contribuir para a construção da personalidade dos jovens (Martinek & Ruiz, 2005).

Também Brustad e Parker (2005) salientaram que os contextos desportivos há muito que vêm sendo alvo de muitos esforços em torno de intervenções que visam o DPJ porquanto o domínio físico é considerado um ambiente ótimo no qual se desenvolvem muitas qualidades e atributos positivos nos jovens, nomeadamente o desenvolvimento pessoal e social dos indivíduos.

Mas aqueles autores não estão isolados, pois muitos outros têm igualmente sublinhado que o Desporto, pelas suas características específicas, se constitui como contexto privilegiado para alcançar o DPJ (e.g., Lerner et al., 2005; Martinek & Ruiz, 2005; Wright & Li, 2009). Wright & Li (2009) propõem mesmo que a Educação Física integre os programas de DPJ na Escola, bem como defendem que os professores de educação física integrem os princípios e práticas desses programas nas suas práticas quotidianas.

Ainda assim, convirá alertar que, apesar do envolvimento dos jovens no Desporto propiciar um contexto de desenvolvimento que vem sendo associado ao DPJ, pode simultaneamente favorecer comportamentos de risco, pois não é o Desporto por si só que influencia o desenvolvimento dos jovens, mas sim o modo como é estruturado e lhes é apresentado (Holt, 2008).

Na verdade, embora a investigação sobre esta temática, maioritariamente de carácter qualitativo, sugira a existência de uma relação positiva entre o DPJ e a participação dos jovens em programas em contextos desportivos e das inúmeras reivindicações de que a atividade física promove o DPJ, é ainda necessária mais investigação empírica nesta área (Wright & Li, 2009), para esclarecer alguns aspectos menos claros até ao momento. Por exemplo, Lerner (2005), Benson, Scales, Hamilton e Sesma (2006) afirmaram que a relação inversa entre o DPJ e os comportamentos de risco não é linear, sobretudo devido à resiliência que alguns jovens demonstram apesar de inseridos em ambientes com baixos recursos e apoios.

Importará igualmente destacar que embora o termo DPJ seja de recente utilização há muito que existe interesse nos resultados associados à participação dos jovens em atividades organizadas (Holt & Neely, 2011). De resto, o DPJ representa um conceito aglutinador de vários construtos que vêm sendo estudados no âmbito da Psicologia Positiva (e.g., Bem-estar, Autodeterminação), nomeadamente das relações que se estabelecem com práticas desportivas.

Principais programas de DPJ desenvolvidos no Desporto

Na linha do referido anteriormente, de uma forma geral, na literatura são considerados como programas de DPJ aqueles que têm por base a assunção de que o desenvolvimento de valores como a resiliência e a competência é fundamental na ajuda aos jovens para que estes experimentem uma adolescência positiva. O principal objetivo é o de influenciar o desenvolvimento dos adolescentes em direção a resultados positivos aumentando a sua exposição a oportunidades de desenvolvimento e apoio (Roth, Brooks-Gunn, Murray & Foster, 1998).

Os exemplos de sucesso de programas de DPJ normalmente mais citados são os americanos *Boys and Girls Clubs*, *scouts*, e *4-H* (clubes nos quais se visa o DPJ através de atividades extracurriculares com supervisão e em contextos adequados visando disponibilizar os recursos necessários ao desenvolvimento pleno dos jovens), promovidos por organizações com elevadas condições de financiamento e vastas estruturas de apoio. Aliás, tem-se assistido ao longo dos últimos anos, um pouco por todo o mundo, à disponibilização por parte de diversas instituições de apoios financeiros para a promoção de programas de DPJ, muitos dos quais em contextos desportivos: por exemplo, Jacobs Foundation (Caminhos – Brasil, Football for Hope – África), World Golf Foundation (First Tee – vários países), Fundación Aziende (METHAS – Chile), National Football Foundation and College Hall of Fame (Play it Smart – EUA).

De realçar, porém, que os programas de DPJ não implicam necessariamente uma elevada dimensão, podendo ser implementados em empresas, escolas ou comunidades, e permitir apoiar apenas a punhado de jovens (NRGCM, 2002). De resto, no que se refere em específico ao contexto desportivo, é possível constatar a implementação de diversos programas por alguns dos maiores especialistas neste domínio (e.g., *Project Connect* por Robert Brustad; *Project Effort* por Tom Martinek; *Coaching Club* por Don Hellison; *Community-based Project* por Paul Wright; *Project Lead* por Nick Cutforth; *Moral Development* por Brenda Bredemeier; *Climbing Club* por Jim Stiehl e Melissa Parker), sem grandes exigências do ponto de vista material e financeiro (mais informação sobre os programas referidos poderá ser obtida através de contacto directo com os autores).

No espaço dos países lusófonos, independentemente de existirem vários programas de apoio e intervenção com jovens que integram atividades desportivas (e.g., os programas do Instituto Ayrton Senna), o desenvolvimento e aplicação de programas de DPJ em contexto desportivo, é ainda relativamente reduzido, podendo ainda assim referir-se, a este propósito, a investigação e intervenção que tem vindo a ser desenvolvida em Portugal, no âmbito das atividades desenvolvidas na Faculdade de Desporto da Universidade do Porto (FADEUP).

Mais especificamente, será de destacar uma intervenção desenhada com base nos pressupostos e metodologias propostas no âmbito do modelo *Taking Personal and Social Responsibility* (TPSR), ocorrida em contexto desportivo em 2005 (Regueiras, 2006). Os respetivos resultados revelaram não só a sua eficácia mas também uma elevada reatividade por parte dos jovens estudantes com comportamentos disruptivos frequentes e em claro risco de insucesso e abandono escolares que participaram no processo, fornecendo evidências claras sobre a sua utilidade neste domínio. Nesse sentido, foi posteriormente desenvolvida

uma outra intervenção (Correia, 2007), também com jovens com características semelhantes, mas num outro contexto socioeconómico, tendo a análise dos dados quantitativos e qualitativos recolhidos relativamente aos estudantes que participaram no projecto, mas também dos seus professores, revelado, uma vez mais, a sua eficácia e utilidade. Do mesmo modo, mais recentemente, uma intervenção com pressupostos, objectivos e metodologias similares às intervenções anteriores, mas desta feita realizada com jovens institucionalizados em lares especializados de infância e juventude (Nogueira, 2011), demonstrou novamente a sua eficácia e utilidade, congregando igualmente a aceitação e receptividade de todos os envolvidos (i.e., jovens, professores, instituição).

Todavia, não obstante as muitas intervenções no âmbito do DPJ e os vários relatos de sucesso da aplicação de intervenções em contextos desportivos, mantém-se pouco claro em que medida um programa, apesar da relevância dos seus objectivos, efectivamente promove o DPJ (Roth & Brooks-Gunn, 2003). Na verdade, não só permanecem pouco claros alguns aspectos relacionados com o processo de definição deste tipo de programas, como escasseiam metodologias e instrumentos fiáveis e válidos que permitam, de forma consensual e inequívoca, avaliar os seus efeitos positivos. Por esse motivo, Holt & Neely (2011) alertaram para o perigo de os investigadores desta área, enquanto essa lacuna persistir, serem vistos como defensores de que o Desporto por si só conduz inevitavelmente a várias formas de desenvolvimento.

Como avaliar o impacto dos programas de DPJ no Desporto?

De acordo com Roth e Brooks-Gunn (2003), as 3 grandes revisões de literatura que foram feitas sobre os programas de DPJ (i.e., Catalano, Berglund, Ryan, Lonczak & Hawkins, 1999; National Research Council, 2002; Roth, Brooks-Gunn, Murray & Foster, 1998) pouco acrescentam relativamente ao que sabemos sobre o "porquê" de os programas de DPJ serem bem-sucedidos a influenciar positivamente a vida dos participantes.

De um modo geral, o sucesso do desenvolvimento dos jovens é aferido em função da avaliação das suas capacidades e competências físicas, intelectuais, psicológicas, emocionais e sociais, sendo que Lerner, Fisher & Weinberg (2000) categorizaram os resultados desejados em cinco categorias (5C), às quais Pittman, Irby & Ferber (2001) juntaram mais uma (Contribuições). Adicionalmente, o sucesso do desenvolvimento dos jovens também tem sido avaliado pela ausência de comportamentos negativos, levando à realização de muitos esforços para criar e testar medidas para avaliar o seu desenvolvimento saudável (National Research Council, 2002).

Um grande contributo para a avaliação dos programas de DPJ foi o estudo realizado por Lerner e colaboradores (2005), que permitiu pela primeira vez quantificar o desenvolvimento positivo dos jovens, através de um questionário que designaram de *Measure of PVD* e que desenvolveram para o efeito, constituído por 78 itens agrupados em cinco factores de segunda ordem (correspondentes às já referidas 5C), agrupados num factor único de primeira ordem, correspondente ao DPJ.

Da análise dos dados daquele estudo, bem como dos mais tarde encontrados por Phelps et al. (2009) relativamente às propriedades psicométricas do instrumento de avaliação desenvolvido, decorre a percepção da existência de alguma robustez, suportando a teoria de que o valor de DPJ pode ser aferido pelo somatório do valor parcial de cada dimensão.

Ainda assim, mais recentemente foram levantadas a este respeito algumas reservas, designadamente por Jones et al. (2011), os quais apontaram limitações aos anteriores estudos (e.g., repetição dos sujeitos da amostra). Adicionalmente, estes autores alertaram para o facto de a Análise Factorial Confirmatória que realizaram à estrutura factorial proposta para aquele instrumento não ter produzido os necessários níveis de ajustamento à matriz de dados empíricos analisada, pese embora o facto de o questionário utilizado neste estudo ter sido uma adaptação do de Phelps e colaboradores (2009), com apenas 30 itens dos 78 da versão originalmente proposta.

Assim sendo, importará começar por reconhecer que, apesar de a quantidade de avaliações realizadas a programas de DPJ ter vindo a aumentar, o seu número é ainda insuficiente. Para além disso, parece igualmente que a metodologia e os instrumentos adoptados com esse objectivo não serão os mais adequados, verificando-se uma falta de medidas válidas e fiáveis dos comportamentos positivos dos jovens que dificulta essa tarefa (Jones et al., 2011; Phelps et al., 2009; Roth & Brooks-Gunn, 2003). Como consequência, existem limitações para a possibilidade de aumentar a nossa compreensão sobre o modo como o seu desenvolvimento se processa e a tentativa de melhoria da qualidade e eficácia das intervenções com esse objectivo.

Conclusões

O DPJ é um campo em franco desenvolvimento e muito promissor enquanto promotor de jovens felizes que se tornarão adultos felizes e produtivos, assumindo os contextos desportivos especial pertinência e potencial na abordagem a estas questões.

Da literatura produzida no âmbito desta temática emerge um crescente consenso em torno da definição dos principais conceitos, bem como do reconhecimento generalizado dos benefícios do desporto no processo de DPJ, sendo invariavelmente recomendada investigação adicional. De facto, apesar do crescente número de intervenções neste campo, a compreensão exacta de como se desenvolve o DPJ é ainda limitada, muito por questões da definição e da metodologia adoptadas.

Nesse sentido, entre os principais desafios que se colocam para o futuro da investigação e da intervenção no campo do DPJ estará certamente a necessidade de desenvolver e determinar a qualidade de instrumentos específicos de avaliação dos melhores indicadores do DPJ (cuja definição e operacionalização requerem igualmente um maior consenso entre os especialistas) e de perceber melhor os mecanismos através dos quais o DPJ se processa, porquanto isso será essencial para melhorar a sua eficácia e replicação noutros contextos e com outras populações.

UM OLHAR SOBRE O DESENVOLVIMENTO POSITIVO DOS JOVENS ATRAVÉS DO DESPORTO

PALAVRAS-CHAVE: Desenvolvimento positivo, Desporto, Jovens programas, Avaliação.

RESUMO: Este artigo alça-se ao reconhecimento da importância do conceito do Desenvolvimento Positivo dos Jovens (DPJ), bem como na constatação da sua ainda relativamente escassa divulgação e aplicação em contextos desportivos, designadamente ao que se refere aos países de língua portuguesa. Nesse sentido, procurando promover a sua divulgação e sugerir possíveis investigações e intervenções neste domínio, foi desenvolvida uma análise ao que tem sido publicado a este propósito nas principais revistas internacionais das ciências do desporto e da psicologia social, em relação a quatro questões essenciais: i) Como se iniciou o movimento DPJ; ii) O movimento DPJ no Desporto; iii) Principais programas de DPJ no Desporto; iv) Como avaliar o impacto dos programas de DPJ no Desporto? Desta análise emerge fundamentalmente que o DPJ, embora partilhe alguns princípios e objetivos com a Psicologia Positiva, se configura como um movimento autónomo e potencialmente muito útil para o desenvolvimento dos jovens, em particular em contextos desportivos. Mais, tem sido evidente, ao longo dos últimos anos, o aumento do número de programas neste domínio com resultados prometedores, sendo todavia necessário desenvolver metodologias e instrumentos mais robustos e sofisticados para avaliar o seu real impacto no desenvolvimento dos jovens, bem como para ajudar a perceber melhor os mecanismos através dos quais o DPJ se processa.

UNA MIRADA AL DESARROLLO POSITIVO DE LOS JÓVENES MEDIANTE EL DEPORTE

PALABRAS CLAVE: Desarrollo positivo, Deporte, Jóvenes, Programas, Evaluación.

RESUMEN: Este artículo se basa en el reconocimiento de la importancia del concepto de Desarrollo Juvenil Positivo (DPJ), así como en la verificación de su relativamente escasa difusión y aplicación en contextos deportivos, en particular en lo que respecta a los países de habla portuguesa. En este sentido, procurando promover su difusión y sugerir posibles investigaciones e intervenciones en esta área, se desarrolló un análisis de lo que se ha publicado al respecto en las principales revistas internacionales de ciencias del deporte y la psicología social, en relación a cuatro temas fundamentales: i) cómo empezó el movimiento DPJ ii) el movimiento DPJ en el Deporte iii) los principales programas de DPJ en el Deporte iv) ¿Cómo evaluar el impacto de los programas de DPJ en el Deporte?. De este análisis surge esencialmente que DPJ, mientras comparte algunos principios y objetivos con la Psicología Positiva, se configura como un movimiento autónomo y potencialmente muy útil para el desarrollo de los jóvenes, sobre todo en contextos deportivos. Más, se ha hecho evidente en los últimos años el aumento del número de programas en este campo, con resultados prometedores, sin embargo es necesario el desarrollo de metodologías y herramientas más robustas y sofisticadas para evaluar su impacto real sobre el desarrollo de los jóvenes, así como para ayudar a entender mejor los mecanismos por los cuales se procesa el DPJ.

Referências

- Benson, P. L. (2006). The science of child and adolescent spiritual development: Definitional, theoretical and field-building challenges. In E. C. Roehlkepartain, P. E. King, L. Wagner & P. L. Benson (Eds.), *The handbook of spiritual development in childhood and adolescence* (pp. 481-497). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Benson, P. L., Scales, P. C., Hamilton, S. F. & Sesma, A., Jr. (2006). Positive youth development: Theory, research, and applications. In R. M. Lerner (Ed.), *Theoretical models of human development. Handbook of child psychology* (vol. 1; 6th ed.). Hoboken, NJ: Wiley.
- Brustad, R. J. & Parker, M. A. (2005). Enhancing positive youth development through sport and physical activity. *Psychologia*, 39, 75-93.
- Catalano, R. F., Berglund, M. L., Ryan, J. A. M., Lonczak, H. S. & Hawkins, J. D. (1999). *Positive youth development in the United States: Research findings on evaluations of youth development programs*. Seattle, WA: University of Washington.
- Correia, S. (2007). *O desenvolvimento da responsabilidade pessoal e social, em crianças e jovens em risco de insucesso escolar, através de um programa desportivo - Um estudo na Escola E.B. 2ª e 3ª ciclos de Paços de Brandão*. RADEUP: Dissertação de Mestrado.
- Damon, W. (2004). What is positive youth development? *The Annals of the American Academy of Political and Social Science*, 591, 13-24.
- Disilbio, R. A. (2001). There's more to teaching than teaching. *Education*, 101(3), 210-213.
- Eccles, J. S. & Gootman, J. A. (Eds.). (2002). *Community programs to promote youth development: committee on community-level programs for youth*. Washington DC: National Academy Press.
- Hellison, D. (2003). *Teaching responsibility through physical activity* (2nd ed.). Champaign, IL: Human Kinetics.
- Hellison D. & Martinek T. (2006). Social and individual responsibility programs. In D. Kirk, D. Macdonald & M. O'Sullivan (Eds.), *The handbook of physical education* (pp. 610-626). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Holt, N. L. (2008). *Positive youth development through sport*. London: Routledge.
- Holt, N. L. & Neeby, K. C. (2011). Positive youth development through sport: A review. *Revista Iberoamericana de Psicología del Ejercicio y el Deporte*, 6(2), 299-316.
- Jones, M. L., Dunn, J. G. H., Holt, N. L., Sullivan, P. J. & Bloom, G. A. (2011). Exploring the '5Cs' of positive youth development in sport. *Journal of Sport Behavior*, 34(3), 250-267.
- Larson, R. & Verma, S. (1999). How children and adolescents spend time across cultural settings of the world: Work, play and developmental opportunities. *Psychological Bulletin*, 125, 701-736.
- Lee, O. & Martinek, T. (2009). Navigating two cultures: An investigation of cultures of a responsibility-based physical activity program and school. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, 80, 230-240.
- Lerner, J. V., Phelps, E., Forman, Y. & Bowers, E. R. (2009). Positive youth development. In R. M. Lerner, & L. Steinberg (Eds.), *Handbook of adolescent psychology: Vol. 1. Individual bases of adolescent development*, (3rd ed., pp. 524-553). Hoboken, NJ: Wiley.
- Lerner, R. M. (2004). *Liberty: Thriving and civic engagement among American youth*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Lerner, R. M., Lerner, J. V., Almerigi, J., Theokas, G., Phelps, E., Gestsdottir, S., Nazdem, S., Jelicic, H., Albert, A. E., Ma, L., Smith, L. M., Bobek, D. L., Richman-Raphael, D., Simpson, I., Christensen, E. D. & von Eye, A. (2005). Positive youth development, participation in community youth development programs, and community contributions of fifth grade adolescents: Findings from the first wave of the 4-H study of positive youth development. *Journal of Early Adolescence*, 25(1), 17-71.

Um olhar sobre o Desenvolvimento Positivo dos Jovens através do desporto

- Lerner, R. M., Fisher, C. B. & Weisberg, R. A. (2000). Toward a science for and of the people: Promoting civil society through the application of developmental science. *Child Development*, 71, 11–20.
- Lerner, R. M., Von Eye, A., Lerner, J. V., Lewin-Bizan, S. & Bowers, E. P. (2010). Special issue introduction: The meaning and measurement of thriving: A view of the issues. *Journal of Youth Adolescence*, 39, 707-719.
- Martinek, T. J. & Ruiz, L. M. (2005). Promoting positive youth development through a values-based sport program. *Revista Internacional de Ciencias del Deporte*, 1, 1-13.
- National Research Council and Institute of Medicine (2002) *Community programs to promote youth development*. Washington, DC: National Academy Press.
- Nogueira, H. (2011). *O modelo de desenvolvimento da responsabilidade pessoal e social em lares especializados de infância e juventude*. FADEUP: Dissertação de Mestrado.
- Perin, R. (2011). *Resiliência e prática desportiva: Um estudo realizado com adolescentes brasileiros*. FADEUP: Tese de Doutoramento.
- Phelps, E., Balsano, A., Fay, K., Peltz, J., Zimmerman, S., Lerner, R. M. & Lerner, J. V. (2007). Nuances in early adolescent development trajectories of positive and of problematic/risk behaviors: Findings from the 4-H study of positive youth development. *Child and Adolescent Clinics of North America*, 16(2), 473-496.
- Phelps, E., Zimmerman, S., Warren, A. E. A., Jellicoe, H., von Eye, A. & Lerner, R. M. (2008). The structure and developmental course of positive youth development (PYD) in early adolescence: Implications for theory and practice. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 30(5), 571-584.
- Pitman, K., Irby, M. & Perber, T. (2001). Unfinished business: Further reflections on a decade of promoting youth development. In Public/Private Ventures (Ed.), *Youth development: Issues, challenges, and directions* (pp. 17-64). Philadelphia: Public/Private Ventures.
- Requeiras, M. (2006). *Desenvolvimento da responsabilidade pessoal e social de jovens em risco através do desporto: Será possível?* FADEUP: Dissertação de Mestrado.
- Restuccia, D. e Bundy, A. (2003). *Positive youth development: A literature review* (Memo). Rhode Island: KIDS COUNT.
- Roth, J. L., Brooks-Gunn, J., Murray, L. & Foster, W. (1998). Promoting healthy adolescents: Synthesis of youth development program evaluations. *Journal of Research on Adolescence*, 8, 423-459.
- Roth, J. L. & Brooks-Gunn, J. (2003). What exactly is a youth development program? Answers from research and practice. *Applied Developmental Science*, 7, 94-111.
- Wright, R. M. & Li, W. (2009). Exploring the relevance of positive youth development in urban physical education. *Physical Education & Sport Pedagogy*, 14, 241-251.

